



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A FAVELA ACONTECE NO JORNALISMO: A PRODUÇÃO DAS
NARRATIVAS MUDIÁTICAS SOBRE AS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO**

Monografia submetida à Banca de
Graduação como requisito para obtenção
do diploma de Comunicação Social –
Jornalismo.

ERIKA ROSENTAL ORENSZTAJN

Orientadora: Profa. Dra. Ilana Strozemberg

**Rio de Janeiro
2009**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia A favela acontece no jornalismo: a produção das narrativas midiáticas sobre as favelas do Rio de Janeiro, elaborada por Erika Rosental Orenszajn.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, 9 de julho de 2009

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Ilana Strozemberg

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof.Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof.Dra. Maria Helena Junqueira

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

ORENSZTAJN, Erika Rosental

A favela acontece no jornalismo: a produção das narrativas midiáticas sobre as favelas do Rio de Janeiro, 2009.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação.

Orientadora: Ilana Strozemberg

Àqueles que durante todo meu percurso me incentivam, de algum modo, a acreditar em mim. Sempre apostando.

À minha família. Meus pais Eliane Rosental Orensztajn e Ivan Carlos Orensztajn, pela educação, carinho, confiança e orgulho. Meus avós Lea e Marcos Rosental pela idéia de família e união. À minha irmã, pela eterna amizade e cumplicidade. À Eva, segunda mãe, que acompanha de perto, cada novo e pequeno passo.

Às minhas amigas. Companhia e conforto.

À minha orientadora Ilana Strozemberg, que me acompanhou e muito ajudou na elaboração deste trabalho. Fundamental na transmissão do conhecimento. Incrível energia. Leveza na maneira de lidar com pessoas, o que tornou prazeroso cada encontro.

Não poderia deixar de agradecer à TV Bandeirantes, que apesar de tornar a rotina árdua, fez-me apaixonar pelo jornalismo. Joice Nascimento e Ludmila Fróes. Coordenadora de Produção e Chefe de Reportagem. Obrigada por tudo. Por ensinar, ter paciência e responder a cada pergunta. Mencionar os erros, elogiar e vibrar com as conquistas. Obrigada pela amizade. Gratidão eterna.

ORENSZTAJN, Erika Rosental. **A favela acontece no jornalismo: a produção das narrativas midiáticas sobre as favelas do Rio de Janeiro.** Orientadora: Ilana Strozemberg. Rio de Janeiro: UFRJ/ ECO. Monografia em jornalismo

RESUMO

O trabalho pretende mostrar que a imprensa tem papel fundamental no modo como as favelas do Rio de Janeiro são vistas hoje pela sociedade. Além de reforçar o papel destas comunidades como local do crime e da violência, a mídia, em geral, acaba produzindo a notícia e a maneira de se pensar na favela. Para chegar a essa conclusão analisei o processo de surgimento das favelas na cidade, junto ao modo como a imprensa pauta diferentes coletividades. Foi, também, de suma importância minha experiência pessoal na TV Bandeirantes, onde pude analisar todo o processo de formação da notícia, e compará-lo às outras mídias da cidade. Por fim analiso o surgimento de um novo modo de se pautar as favelas, uma notícia que surge de dentro destes espaços.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. O ESPAÇO MIDIÁTICO E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CIDADE

3. AS FAVELAS SURGEM NA SOCIEDADE E PARA A SOCIEDADE

4. A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA FAVELA NA MÍDIA E NA TV BANDEIRANTES RIO

5. SURGE UM NOVO OLHAR: A PRODUÇÃO DA “OUTRA” FAVELA

4.1. O JORNAL DO COMPLEXO DA MARÉ: O CIDADÃO

4.2. A FAVELA PAUTA A GRANDE MÍDIA: VIVA FAVELA

4.3. A POLÍTICA PÚBLICA NA FAVELA: OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS

6. CONCLUSÃO

7. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Depois de mais um dia de expediente na produção da TV Bandeirantes Rio, onde estagio, no final de um dia de trabalho, correndo atrás de matérias que fossem interessantes não só para o jornal local como para o jornal de rede, minha equipe se depara com a típica frase que surge de costume por volta das 21h da noite: “caiu a matéria sobre Pesquisa Clínica, o personagem acabou de ligar desmarcando”. Começa o desespero. Quem trabalha com jornalismo sabe que a relação personagem/ matéria é praticamente a mesma que vida/ oxigênio. Não existe retranca sem personagem. O horário de trabalho e a quantidade de produtores na redação da TV Bandeirantes são também complicadores para a produção de uma matéria. O turno no qual trabalho começa às 14h. O da maioria da cidade acaba às 18h, o que encurta nosso tempo e faz com que parte do horário comercial seja perdido.

Nesse caso, como de costume, minha coordenadora de produção diz: “Deixa para o factual”¹. Surge o quadro do dia seguinte, às vezes com uma série de lacunas escritas em letras grandes: factual.

O interessante é pararmos para analisar o significado deste “factual”. Seria um maluco atravessando a Avenida Rio Branco, um acidente de trânsito, uma passeata em prol do meio ambiente? Poderia ser, mas na maioria das vezes o factual significa tiroteio, mortes e invasões em alguma favela do Rio de Janeiro, o que, certamente, é motivo de repercussão na imprensa carioca. Uma realidade, infelizmente, já comum para o jornalista, e para os moradores da cidade, que acostumados com o dia-a-dia do Rio consideram normal a invasão de notícias ruins sobre as favelas na imprensa.

A partir dessa rotina que perdurou o meu estágio de um ano na TV, interessei-me pelo tema factual. Comecei a indagar-me o que seria desta palavra se não vivêssemos na cidade do Rio de Janeiro: o que seria o factual? Eles existiriam? E ainda, como ele se transforma em matéria na mídia. Caso não houvesse factuais e as matérias produzidas “caíssem” todas. O que seria dos telejornais?

A partir daí comecei a analisar o modo como a imprensa do Rio e a própria sociedade tratam e vêem as favelas. Comecei a estudar o surgimento destas comunidades, não só em sua origem, mas também sua aparição na mídia. A conclusão:

¹ Exemplo I do anexo

a primeira impressão é a que fica, e por isso, a imagem da favela e do favelado, a pessoa em que lá mora, foi a mesma durante anos. Um lugar à parte, centro da criminalização e do preconceito, mas que aos poucos vem ganhando mais espaço diante da sociedade.

Desse modo pesquisei em livros e biografias de história da cidade e da imprensa sobre a favela. Descobri que seu surgimento é antigo, mas só a partir de certo momento da história ela começa a ser percebida. E assim esse espaço é notado. O funcionamento para essa percepção, pode ser comparado ao de uma ferida no corpo humano: só reparamos quando começa a nos incomodar. Assim, a favela ganha visibilidade exatamente neste momento, quando incomoda.

Aumenta o número de pessoas na cidade, o poder público deseja atrair imigrantes, e assim se concretiza a favela conhecida hoje. O índice de criminalidade e a pobreza também aumentam tornando necessário isolar o que incomoda. Essa área isolada, no entanto, vai se formando como comunidade. Ela vive por si só e ganha um poder paralelo. Uma outra forma de governar. O Rio se torna uma “Cidade Partida”.

A favela tem sua formação já na época em que soldados vindos de Canudos, no nordeste, se instauram em um morro na Zona Norte do Rio, o Morro da Providência. Foi ali que foi formada a primeira favela da cidade. De início o morro era uma alusão ao morro do sertão baiano onde a artilharia bombardeava o reduto de jagunços místicos. O Morro de Favela tinha este nome porque era coberto por uma planta chamada favela. Esta planta torna-se, então, substantivo. Um substantivo negativo, carregado de preconceitos e gerador de medo. Hoje a favela é mundialmente conhecida. É motivo até de se fazer comparar a cidade do Rio à Faixa de Gaza, no Oriente Médio, uma região com conflitos étnico-religiosos que perduram anos.

Quando entrei na TV Bandeirantes e tive a oportunidade de fazer matérias externas, percebi a maneira absurda como estas comunidades eram tratadas. A favela, hoje, é o factual do dia. Deu na TV: “Tiroteio no Morro dos Macacos”, “Guerra na Rocinha”, “Mortes na Maré”, “Menino é morto no Alemão”. E assim surgem as notícias mais importantes, responsáveis por abrir as primeiras páginas dos jornais impressos e telejornais.

Mas nelas não existem somente guerras, tráfico e pobreza. Como o próprio favelado diz, “existe gente de gabarito”. Pautada pelo seu próprio modo de viver, a favela começou a ganhar um outro olhar nos últimos dez anos. Mas para isso foi preciso a mobilização de diferentes setores e partes da sociedade. Ícones da antropologia, sociologia, do jornalismo, perceberam que pautá-la e incluí-la de modo positivo na

rotina da cidade só traria benefícios. A imprensa foi a grande responsável por esta inclusão social, da mesma maneira, que quase simultaneamente, reforça conotação negativa das favelas.

2. O ESPAÇO MIDIÁTICO E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CIDADE

Antes de analisar as representações da favela na mídia e no discurso social é necessário fazer uma reflexão sobre o modo como se constroem as identidades coletivas e o papel da imprensa. Nesse sentido, o trabalho de Benedict Anderson (1989) é de importância central no estudo sobre a construção da idéia de nação, cujas características são ser, inicialmente, limitada e politicamente imaginária. Segundo o autor a nação é politicamente imaginada porque tal como definida, ela não existe empiricamente, na prática, mas consiste numa construção simbólica. Construção esta que é compartilhada pela crença do indivíduo de uma mesma sociedade.

Anderson explica que a origem do nacionalismo está em sistemas culturais que o precederam como as comunidades religiosas e o reino dinástico. As primeiras eram centradas na unidade lingüística e religiosa, concebiam o latim como língua única e verdadeira, e divinizavam os responsáveis por estabelecer a relação ente os indivíduos e a sociedade. Palavras e ensinamentos não eram lidos por todos, e sim propagados por homens da verdade. Já o modelo dinástico seguia a idéia de totalidade e se organizava em torno de uma figura, o rei, que deveria gerir e pautar a sociedade. Anderson afirma, no entanto, que o fim do regime monárquico e a perda de controle da igreja sobre a sociedade, não foram causas únicas que originaram as comunidades nacionais. Uma mudança fundamental na maneira de apreender o mundo tinha lugar por trás da decadência das comunidades, línguas e linhagens sagradas e estão no fundamento do ideal de nação: a nação de um tempo único e simultâneo.

Fazendo alusão ao escritor Walter Benjamim, Anderson mostra que esta idéia de simultaneidade, transversal ao tempo, é marcada pela coincidência temporal, medida pelo relógio e pelo calendário. (BENJAMIN, *apud* ANDERSON, 1989). Essa nova noção de temporalidade, que substitui uma imagem de tempo associada à experiência vivida, se torna predominante na vida social, sobretudo através do advento do romance e da divulgação da imprensa.

Ao falar de sua “comunidade imaginada”, Anderson atribui ao romance e ao jornal, funções de construir e consolidar o imaginário nacional. Ele faz uma comparação entre os livros “Noli Me Tangere”, de José Rizal em 1887, “El perequillo sarniento”, de Joaquín Fernandez de Lirzde, 1816, “ O Semarang Negro”, do indonésio Marco Kartodikromo em 1924 e “ A História de Florante e Laura no Reino da Albânia”, de

Baltazar 1838. Apesar de eles terem sido escritos em diferentes épocas e contextos, todos se passam em paisagens sociológicas, em que o mundo do livro funde-se com as percepções da realidade. São histórias narradas com heróis e cenários: hospitais, ruas, prisões, hábitos que evocam particularidades de um país, como Noli, por exemplo, retratou o México colonial (ANDERSON, 1989).

O papel do jornal é enfatizado em “El Perequillo Sarniento”, quando o jovem protagonista, ao ler o jornal é notificado de uma morte. Naquele momento Anderson aponta para o caráter ficcional do jornal, que faz com que o jovem da história possa imaginar o cadáver mencionado na mídia: o fato do dia. Anderson continua seu raciocínio, mostrando a arbitrariedade com que as notícias são expostas na mídia e assim pautam o cotidiano. Por exemplo, a fome no Mali, o discurso do presidente da França e uma descoberta rara na África. Nenhuma relação existe entre estes acontecimentos, e muito menos são os únicos do dia. Outros milhares se dão pelo mundo, às vezes até mais graves, curiosos e até mesmo relevantes para algumas pessoas, mas por uma seleção de fatos feita pela imprensa, eles criam um vínculo imaginativo no leitor, sempre derivando da coincidência no calendário. Assim, a cerimônia de ler o jornal está sendo certamente realizada por milhares de pessoas no mundo que passam a se representar como membros de uma comunidade de leitores. (ANDERSON, 1989)

Para a autora Ana Paula Ribeiro, ao longo dos anos e com o desenvolvimento tecnológico, a própria disciplina da história foi cedendo o seu lugar para as mídias. Hoje, para se reconstruir o passado, basta fazer uma pesquisa pela mídia de uma época. Os meios de comunicação ganharam tanto poder que passaram a ocupar uma posição institucional de produzir enunciados aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade. “O que passa ao largo da mídia é considerado, pelo conjunto da sociedade, sem importância”. (RIBEIRO, 2000). Como se a vida acontecesse tão somente dentro da mídia. O que não é pautado por ela, e acaba por não tornar-se assunto do dia, passa a não existir.

Esta maneira de ver o mundo é reforçada pela logística dos jornais, que em meados do século XIX e início do século XX se fortalecem com o conceito de informação e objetividade. Nas décadas de 20 e 30, os EUA passam por grande reforma jornalística, o que vem a influenciar o Brasil na década de 50. É dessa maneira que o jornalismo vem para não só noticiar, como também, segundo Ribeiro (2000), tornar-se “testemunha ocular da história”.

A palavra informativa do repórter foi tão estritamente misturada ao acontecimento, á própria opacidade do seu presente, que era o seu sentido imediato e consubstancial, o seu modo de aceder a um inteligível instantâneo; isto quer dizer que, nos termos da cultura ocidental, em que nada pode ser privado de sentido, ela era o próprio acontecimento. (BARTHES, *apud*, RIBEIRO, 2000, p.40)

Assim, ao falarmos de violência, por exemplo, podemos verificar que suas representações sociais sobre os indivíduos e instituições que estão envolvidas, são hoje majoritariamente, construídas através do processo de comunicação em massa. Esses discursos, que têm ampla visibilidade, conseguem nomear e classificar as práticas sociais por meio da produção de significados. A prática social passa a ser organizada por sua representação social. “O modo como a mídia fala sobre a violência faz parte da própria violência” (RONDELLI, *apud*, CORRÊA, 2005)².

Com o poder maior do que os jornais impressos surgem os telejornais na década de 50. A Rede Globo inaugura o Jornal Nacional em 1969, coincidindo com o projeto desenvolvido pelo regime ditatorial de integrar a nacionalidade. O pilar de construção era a doutrina de segurança nacional, servindo a propósitos políticos dos militares.

Como a própria vinheta de abertura dizia, o programa fazia o papel de integração, com a “notícia unindo o Brasil”. Como o Jornal Nacional foi o primeiro telejornal a ser exibido em rede para todo o país, a equipe de jornalismo da Rede Globo teve que desenvolver um novo modelo de noticiário nacional, ainda inexistente na televisão brasileira. Uma série de critérios foi então formulada para padronizar, selecionar e hierarquizar os fatos mais importantes e relevantes. As matérias deveriam ser de interesse geral, e não regional ou local. Os assuntos tinham que despertar interesse da maioria dos telespectadores, do norte ao sul do país. Os repórteres tiveram que incorporar a língua portuguesa padrão, livre dos sotaques que tanto caracterizam o regionalismo brasileiro.³

Fica claro, assim, o modo como o Telejornalismo vem a construir nações. Alguns anos mais tarde, em 1983, o jornalismo na Rede Globo é dividido nas categorias comunitário (produção local) e rede (produção nacional). As televisões regionais

² Artigo acessado pelo site www.vivafavela.com.br

³ Acessado em <http://www.fafich.ufmg.br/~espcom/revista/numero2/adriana.html> no dia 06 de maio de 2009.

serviriam, então, como um espaço importante de identificação para a população das regiões onde atuavam e algumas possibilidades de acesso às temáticas locais e do cotidiano. A televisão e seu jornalismo passam a garantir um “território simbólico”, acessível à maioria da população, sendo este, o único espaço onde todo brasileiro, independente da cor, raça ou classe social pode experimentar sentimentos comuns de nacionalidade. É por isso que essa mídia tem sido responsável, desde a sua criação, por mudar o modo de o país ser governado. A mídia passa a ser um agente político-cultural, ditando regras e guiando atitudes do governo. Isso porque os noticiários utilizam jogos de sentido que resultam da objetividade e da imparcialidade. Como já mencionado anteriormente, pelo fato dos personagens mostrados serem reais, e os fatos sociais, as palavras de ordem do telejornalismo, quando associam textos e imagens, depoimentos, testemunhas e gráficos, geram um efeito de verossimilhança, o que garante a neutralidade da notícia. (BECKER, 2006).

A fragilidade do poder público e o alcance que a mídia de massa tem, são responsáveis por imprimir um outro papel à TV. Além de apenas informar, de maneira “neutra e objetiva”, a televisão passa a exercer o papel do poder público. A construção e transmissão de notícias intervêm em outros campos sociais, onde a política pública negligenciou ou tardou em chegar. Hoje em dia é necessário que a mídia aponte o problema para que o estado tente solucioná-lo. Muitas vezes é a imprensa que acaba por pautá-lo, quando deveria ser o contrário.

Vemos, assim, que o jornalismo exerce um papel crucial na produção de uma idéia de história, não só porque indica aqueles que, entre todos os fatos da realidade devem ser memoráveis no futuro, mas também porque se constitui ele mesmo em um dos principais registros “objetivos do seu tempo” (RIBEIRO, 2000, p.35).

3. SURGEM AS FAVELAS NA SOCIEDADE E PARA A SOCIEDADE

Rio de Janeiro 1902. A capital do Brasil que no século XIX havia se tornado o principal centro político, cultural e financeiro do país, onde uma nova classe média se erguia em meio a uma sociedade que acabava de sair da escravidão, sente a necessidade de uma nova ordem espacial e material. O capitalismo que se instaurava em período de transição da economia agro-exportadora para a de base industrial, passa a envergonhar a população carioca de seu habitat.

Quando um carioca volta da Europa, e pisa de novo no teu calçamento remendado, e mira de novo teus prédios sujos e tua gente em mangas de camisa, e de pés no chão, - a revolta não é grande: o viajante reconhece a inferioridade da sua terra, mas lembra-se de que o conforto e a elegância da Europa são produtos de séculos e séculos de trabalho. Essa consideração basta para consolar e diminuir o espanto e a vergonha. (BILAC, *apud* CRESPO, 2007, p.15)

Buenos Aires passou por sua reforma pouco antes do Rio e se aproximou muito mais de Paris, a cidade burguesa dotada de um mercado de trabalho competitivo do que o Rio de Janeiro. Os motivos foram a presença reduzida de escravos; permanência na periferia da colônia e economia mais forte por ter recebido imigrantes europeus mais cedo.

O Rio de Janeiro ainda vivia em uma sociedade atrasada. Valas a céu aberto, ruelas mal estruturadas, mistura étnica, comércio desordenado e, sobretudo epidemias que estereotipavam a cidade carioca de maneira indesejável à República. Foi o pretexto de erradicar as epidemias de febre amarela e varíola que na opinião do governo assustavam estrangeiros, imigrantes e investidores, e dar mais funcionalidade ao centro, que o prefeito e engenheiro Francisco Pereira Passos decidiu “botar a cidade abaixo”. (ALMEIDA, 2008)

Inúmeras ruas e avenidas foram abertas ou alargadas no centro e na zona sul da cidade, atendendo a objetivos distintos: tanto a facilidade de comunicação entre os bairros quanto a necessidade de desafogar o tráfego urbano. Os cortiços que para as autoridades poluíam visualmente a cidade foram destruídos. As pessoas em que neles moravam foram obrigadas migrar para outros bairros.

A reforma atingiu seu objetivo urbanístico: uma cidade limpa, clara e exemplar. Mas nem todos foram beneficiados pelas melhorias de Pereira Passos. A modernização, liderada pela elite carioca, era excludente e proporcionava à própria burguesia o tipo de vida cosmopolita que se via na Europa. Os cortiços da área central foram removidos e seus moradores desapropriados, não tiveram alternativas: mudaram-se para a região periférica. Nem todos podiam sustentar as regalias e o alto custo de vida que passou a gerir a “Belle Époque” carioca.

Segundo Almeida (2008), o Rio era pólo de atração para pessoas de todo o país e do exterior, seduzidas por promessas de melhores condições de vida. Em 1890, a população carioca representava apenas 45% do total geral da cidade. O restante era composto por estrangeiros (na maioria portuguesa) e pessoas provenientes de outras regiões do Brasil. O crescimento demográfico da cidade, desde o final do século XIX, foi incentivado pela abolição e pela imigração interna e externa. Em 1906, o número das pessoas mal remuneradas ou sem ocupação no Rio de Janeiro chegou a mais de 200 mil, 24%, da população da cidade. Eram elas que viviam amontoadas em cortiços com péssimas condições de moradia no centro da cidade e eram as principais vítimas das doenças que infestavam o resto da cidade. (ALMEIDA, 2008).

CRESCIMENTO POPULACIONAL ANTES E DEPOIS DAS REFORMAS

Freguesias	1890	1906	Percentual de crescimento
São José	42017	44878	7
Santa Rita	46161	45929	-1
Sacramento	30663	24612	-19
Sant'Anna	67533	79315	17
Candelária	9701	4454	-54
Gloria	44105	59102	34
Santo Antonio	37660	42009	12
Engenho Velho	36988	91494	147
Espírito Santo	31389	59117	88
Lagoa	28741	47992	67
São Cristóvão	22202	45098	103
Gávea	4712	12750	171
Engenho Novo	27873	62898	126
TOTAL	429745	619648	44

Fonte: ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro: IPLAN RIO/ Jorge Zahar, 1988. P. 67.

Os números mostram que as principais vítimas da Reforma urbanística Pereira Passos foram as que não tinham recursos para pagar o transporte diário das zonas mais afastadas aos locais de trabalho no centro da cidade. Podemos perceber um decréscimo populacional nas áreas centrais, exceto em São José, área que compreende hoje a Cinelândia, no centro do Rio. Neste local já existiam morros habitados, como o Morro do Castelo. Já a freguesia de Sant'Anna, chamada, hoje de Campo de Sant'Anna, não passou pela Reforma, o que atraiu grande contingencial. A ocupação dos bairros mais distantes do centro como Engenho Velho, Espírito Santo, Engenho Novo, Gávea e São Cristóvão se deu pela imigração da classe média. É exatamente nesse período que começam a ser intensificadas as construções nas áreas mais elevadas da cidade. O Morro da Providência foi o local onde grande parte dessa população desabrigada se reergueu, dando início ao que hoje denominamos de favela. (CARVALHO, *apud*, ALMEIDA 2008).

Reconstruída por sua primeira reforma urbana, surge a famosa “Cidade Maravilhosa” dos livros, músicas e filmes. Havia controvérsias sobre a origem da expressão: uns diziam que foi criada pela poetisa francesa Jeanne Catulle Mendes, quando visitava a cidade, outros pelo escritor maranhense Coelho Neto, quando publicou um artigo chamado “*Os sertanejos*” no jornal da época “A Notícia”. Existe ainda aqueles que acreditam que a origem seja do programa da Rádio Mayrink Veiga “Crônicas da Cidade Maravilhosa” de César Ladeira.(ALMEIDA, 2008).

Não se sabe precisamente como, mas o Rio ganhou um apelido e passou a ser identificado, unicamente, como uma cidade maravilhosa. No entanto, ao lado deste local deslumbrante, emergiu também uma cidade “invisível”, à parte. A partir da reforma a favela surge como local de moradia de indivíduos pobres e negligenciados pelo estado, como se esse espaço urbano, já não fizesse parte da cidade.

O termo favela nada tem a ver com o tipo de habitação que a caracteriza como tal. O nome veio do sertão baiano junto com os seguidores de Antonio Conselheiro, tendo sido difundido no Rio de Janeiro por soldados que voltavam da campanha de Canudos. Eles chamaram o morro no qual se estabeleceram de Favela, provavelmente por existir no local, grande quantidade de uma planta com o mesmo nome. Ao chegarem ao Rio de Janeiro pediram licença ao Ministério da Guerra para se estabelecerem com suas famílias no alto do morro da Providência e passaram a chamá-lo de morro da Favela, transferindo para a cidade a denominação que viria a identificar a moradia destas pessoas. Em 1893, esse morro também abrigaria os desterrados do cortiço Cabeça de Porco, que recolheram os escombros da demolição do cortiço para construir suas casinhas no morro. (HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles, 2001).

É importante reiterar, que não foi uma povoação de Canudos qualquer que desempenhou o papel de mito de origem da favela carioca, mais tarde seguido da Reforma Pereira Passos. Foi o Arraial de Canudos descrito em “Os Sertões”, livro de Euclides da Cunha. Considerado por muito tempo como o livro “número um” do Brasil, com mais de 30 edições em português que se sucederam desde a primeira, em 1902, “Os Sertões” foi lido por todos os intelectuais da época, e tornou-se responsável pela Guerra de Canudos não ter caído no esquecimento. (ABREU, *apud* VALLADARES, 2000).

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde possa fincar quatro estacas de pau uni-las por paredes duvidosas (...) Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas nos morros (...) Nelas há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto (BARRETO, *apud*, PAULI, 2008, p.3).

Vemos então que desde seu surgimento no Morro da Providência, a favela tornou-se o lugar da desordem vista pelos olhos das instituições e dos governos. Espaço geográfico ocupado por populações de baixa renda, em sua maioria negra, ela foi consequência da necessidade da aristocracia carioca de se opor ao modelo rural reinante até então. O Rio de Janeiro anterior às reformas não poderia fazer parte da cena moderna. Aquela cidade era vista como obscena, isto é, deveria estar fora da cena, fora do centro, para não manchar a imagem de cidade civilizada. (Corrêa, 2005)

A origem destas comunidades à parte, se deu por um somatório da população oriunda de Canudos, somada à população proveniente dos cortiços, na Reforma Pereira Passos. Durante muito tempo, os “favelados” não existiam para a cidade. Eles tinham seus costumes, vidas e não incomodavam.

Vamos analisar agora como, da invisibilidade, a favela passa aos olhos da mídia e da sociedade. Seria por uma preocupação, um incômodo ou simplesmente o fato de se expandir e tornar-se visível?

“Encravada no Rio de Janeiro, a Favela é mais uma cidade dentro da cidade”. A afirmação do jornalista Benjamin Costallat pode servir de ponto de partida para a análise das representações da favela no Rio de Janeiro (Costallat, *apud* Zaluar, 2003, p.12). Analisar o conceito de dualidade que está presente nas representações da favela, desde os tempos do prefeito Pereira Passos, é o desafio.

“Nem nos países europeus, nem no Brasil a descoberta da pobreza deve-se aos cientistas sociais. No século XIX, quando a pobreza urbana se transforma em preocupação das elites, tanto lá como cá, são os profissionais ligados à imprensa, literatura, engenharia, medicina, ao direito e à filantropia que passam a descrever e propor medidas de combate à pobreza e à miséria”. (VALLADARES, 2000, pág.2)

Almeida (2008) mostra que a visão da cidade favela e da cidade (não) favela, representam a tentativa de manter a ordem social estabelecida. A cidade tornou-se complexa e heterogênea: classe, religião, cor da pele e origem.

A presença do tráfico na cidade e o uso das favelas como esconderijo de armas, drogas e pontos de venda se transformou, nas últimas duas décadas do século XX, em um problema não só de segurança, mas também de saúde. Juntando-se a estes problemas questões sociais e econômicas reaparecem, vinculando a criminalidade à pobreza.

Pesquisa de Almeida (2000) mostra que em 2004, a taxa de mortalidade juvenil (de 15 a 24 anos) no Rio de Janeiro chegou a 110 óbitos por 100 mil jovens – o que constitui um problema social, econômico e de saúde pública, pois afeta pessoas, famílias e a sociedade como um todo. Cria-se a necessidade de uma medicina de guerrilha nas emergências de hospitais públicos, voltadas para receber pessoas atingidas por ferimentos de armas de fogo. Além disso, leva-se em consideração os anos de vida perdidos e o aumento de morbidade por incapacidades, lesões, problemas crônicos, etc., decorrentes das lesões não-fatais. (Almeida, 2000)

A violência incidiu sobre a condição de vida, a partir de decisões histórico-econômicas e sociais, que tornam vulneráveis as condições culturais e econômicas das classes de baixa renda, como o desenvolvimento escolar e profissional. Pelo caráter perene e ser apresentada veladamente, os diversos tipos de violência passam a ser naturalizados e quase impossíveis de serem quantificados, pois não são reconhecidos por aqueles que a sofrem.

Aliada ao crescimento da violência, acontece a expansão das favelas, que surgiram no final do século XIX e chegam ao século XXI em permanente ampliação.

Em 2000, seu número já alcança 752 aglomerados, onde moram 18,7% da população do município, aproximadamente um milhão de pessoas entre os quase 6 milhões de habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Em 1950, a população era de 169.305 pessoas vivendo em 58 favelas. Em 1960, o número de favelas cresce para 147 com uma população de 335.063, sendo que a população total do Rio é de quase 3 milhões e 300 mil. Isto é: na década de 1960, uma em cada dez pessoas que moravam no Rio vivia em favelas; em 2000, uma em cada cinco. (LIMA, *apud* ALMEIDA, 2000, p.29).

Os investimentos em infra-estrutura como água e esgoto, a construção de vias de transporte, a chegada de equipamentos coletivos, áreas de lazer, hospitais e escolas agregam valor à propriedade da terra. A apropriação do espaço decorre de um processo no qual, valores sociais ficam como resíduos e dão características positivas ou negativas aos locais da cidade.

Com o aumento concomitante da violência e das favelas, o morador destas comunidades começa a ser assimilado a categoria de bandido, principalmente aqueles que moram em locais com mais ocorrências de criminalidade. A divulgação de imagens pela televisão, jornais e revistas desta violência reforçaram o estigma do favelado e tornam negativa a imagem da cidade, que pesa mais sobre a favela e a periferia. (PERALVA, *apud*, ALMEIDA 2000).

Como já mencionado anteriormente, as favelas se constituem, de fato, com os soldados provenientes da guerra de Canudos, em 1897. Esta guerra foi acompanhada de perto por jornalistas, médicos e militares, que a descreviam em reportagens, diários do campo de batalha e crônicas. Abreu atribui a importância da guerra ao livro “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha. São livros, revistas, jornais impressos e encontros pessoais, que vão mediar a relação entre indivíduo e cidade. São artigos e dizeres que passam a gerir uma maneira de comportamento e pensamento até entre a elite política e econômica. Em 1922 chega o rádio, e em 1950 a televisão. (ABREU, *apud*, VALLADARES, 2000). De acordo com Valadares (2000), “*Os Sertões*” foi não só responsável pela Guerra de Canudos não ter caído no esquecimento na história da Primeira República, como também pela primeira construção em nosso imaginário de um tipo de habitação conhecido e chamado de favela.

Além de diversas vezes descrever os trâmites da guerra ao redor da Favela de Monte Santo, ocupada pelo acampamento de soldados, Euclides da Cunha como narrador primoroso atribui valores ao lugar. Como em: “era o lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito. / A sua topografia interessante modelava-o ante a imaginação daquelas gentes simples como o primeiro degrau, amplíssimo e alto, para os céus...”. Neste trecho vemos claramente a imprensa opinando e denunciando o descaso e abandono do poder público em relação às favelas. Além disso, descrevendo o que seria uma favela.

Segundo Valladares (2000) a imagem da favela apresentada em “*Os Sertões*” começa a ser atribuída à ocupação em morros e ganha adesão por cronistas, músicos e jornalistas do início do século. Aos poucos os termos ‘morro’ e ‘comunidade’ também passaram a ser associados à favela, como nomes que definem o tipo de ocupação do espaço pela habitação popular. Morro, que passa a ter mais do que o sentido geográfico, significa favela enquanto modo de habitar e viver no Rio de Janeiro, a maioria das favelas é em morros.

Apenas na segunda década do século XX é que a imprensa passa a utilizar a palavra favela de forma substantiva e não mais em referência exclusiva ao Morro da Favella, surgindo assim uma nova categoria para designar as aglomerações pobres, de ocupação ilegal e irregular, geralmente localizadas em encostas. (ABREU, *apud*, VALLADARES, 2000).

Citando Zaluar, Almeida (2000, p.31) conta que estes termos aparecem na literatura e nas crônicas, do início do século XX, de autores como Lima Barreto e Olavo Bilac. As crônicas de 1900 a 1910 já apresentam a favela como ‘uma cidade à parte’ ou como ‘uma cidade dentro da cidade’. A dualidade das narrativas e discursos aparece em quase todos os autores que escreveram entre 1908 e 1923.

No entanto, a favela que surge não contrastava com o restante da paisagem. A cidade ainda tem toda herança do tempo colonial. As ruas são estreitas, barrentas e entulhadas de carroças. A circulação de mercadorias e pessoas ainda é desordenada, as edificações são escassas e inadequadas às novas necessidades de moradia da população em crescimento. A proliferação de doenças relacionava-se diretamente às catastróficas condições de higiene, às quais grande parte da população estava submetida. O número grande de moradores e o aspecto do cortiço, apesar de não respeitarem as normas sociais de infra-estrutura de habitação, se adapta a uma lógica própria que possibilita o espaço do trabalho, do lazer e do descanso que horrorizava as classes mais abastadas.

Assim, o arraial analisado por Euclides da Cunha, acaba se transpondo para a favela. Como acontecia em Canudos, a favela, apesar de ser a comunidade de miseráveis, tem uma incrível capacidade de sobrevivência diante de condições de vida precárias e inusitadas, marcados por uma identidade comum. Para seus habitantes, no entanto, ela é lugar de liberdade. Regida por suas próprias leis, morar na favela corresponde a uma escolha, do mesmo modo que ir para Canudos dependia da vontade de cada um. Como comunidade organizada, tal espaço constitui - se um perigo, uma ameaça à ordem moral e à ordem social onde está inserida. “Por suas regras próprias, por sua persistência em continuar favela, pela coesão entre seus moradores e por simbolizar, assim como Canudos, um espaço de resistência”. (VALLADARES, 2000, p.12)

Mas a relação entre favela insegurança não se explica somente pelos índices de violência nos grandes centros urbanos. Felix (2008) acredita na naturalização desta imagem por meio da narrativa que estabelece a imagem da favela como origem da insegurança. Segundo ela, ao construir a relação entre favela e violência, a narrativa

busca conter a insegurança pós-moderna e legitimar o tratamento dispensado pela sociedade aos cidadãos “portadores do risco” contemporâneo. O comportamento preconceituoso de boa parcela da sociedade perante esses portadores só vem a garantir sua efetiva realização.

Assim, ao reportar para o seu público, os fatos violentos que ocorrem pela cidade, e que sem a mídia estariam restritos ao espaço onde ocorrem, entra em cena o confronto entre os discursos que são impelidos a expressarem suas posições frente àquele fato. É a administração da economia dessas vozes que a produção de sentido é direcionada. Junto a isso, todo o processo inerente aos meios como edição, seleção e classificação da notícia (CORRÊA, 2005).⁴

Os meios de comunicação tornam-se assim, legítimos, de leitura da cidade e criam uma sociedade que compra o medo nas páginas dos jornais ou mesmo nos telejornais. A mídia vende o terror e o medo, pois é dessa forma que, no âmbito das representações, pode-se criar a diferenciação entre ordem e desordem. Ao evidenciar cotidianamente a favela como o espaço da violência, a mídia dá àquele que a sustenta o sentimento de que é um cidadão diferenciado, não identificado com a barbárie mostrada nas favelas. (BARBERO, *apud* CORRÊA, 2005).⁵

⁴ Artigo de Felipe Corrêa acessado no site www.vivafavela.com.br no dia 3 de março de 2009

⁵ Idem

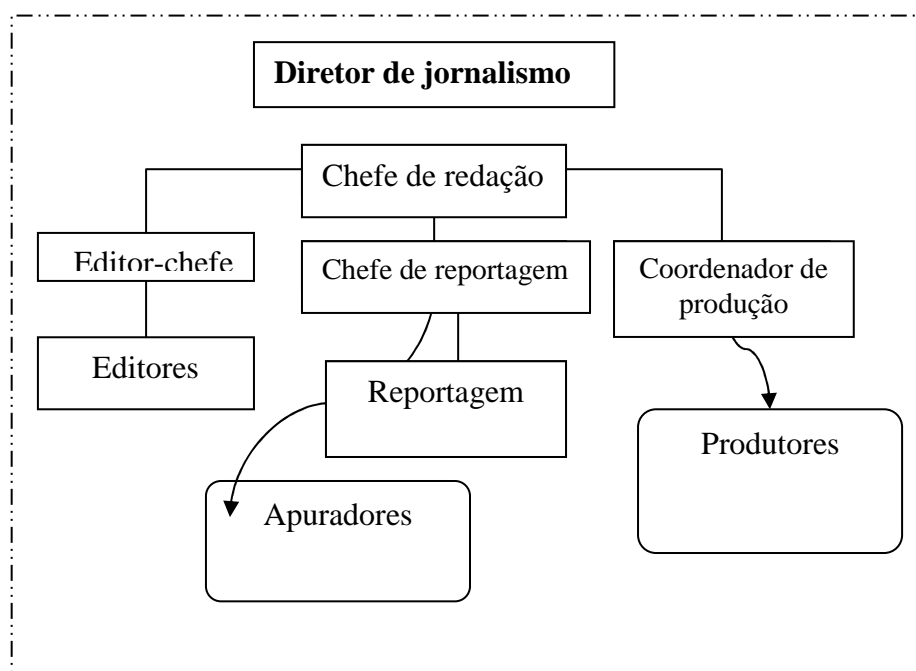
4. A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA FAVELA NOS JORNAIS: ESTUDO DE CASO TV BANDEIRANTES

Antes de falarmos do modo como a “notícia favela” surge na TV Bandeirantes é importante destacarmos que a maneira como a informação é construída, depende da estrutura da emissora na qual ela está sendo produzida e transmitida. Toda linguagem traz as marcas da sociedade que a produz. Todo fato deve transformar-se em narrativa para que ele possa ser comunicável. Nesse processo, entram em jogo interesses, ideais, crenças, postulados e regras que acabam moldando nossa enunciação. (FELIX, 2008, p.120)

Para a sociedade em geral, a mídia é sempre tendenciosa e representada por um único olhar. Na prática não é assim que funciona. O discurso jornalístico também não pode ser visto como um só, como acontece de costume: “a mídia”, a imprensa. O mecanismo de trabalho, e assim a construção da informação é particular de cada veículo de comunicação. O campo de efeito do discurso e o público alvo são diferentes em cada emissora ou até programa. A fonte deste discurso, no entanto, continua sendo a mesma, o que fundamenta e dá coerência ao discurso jornalístico. (RIBEIRO, 2000).

Analisaremos especificamente a TV Bandeirantes Rio como formadora de opinião e produtora de notícias. Não se pode dizer que na Bandeirantes, por exemplo, não existam regras e uma linha editorial. Há pedidos e matérias recomendadas pelo diretor de jornalismo, editor-chefe, chefe de redação, mas na maioria das vezes, a matéria é construída ou feita por diferentes olhares. É normal que, por exemplo, a produção dê um encaminhamento para uma pauta e esta seja transformada pelo repórter que está na rua. Logicamente, quem está no campo de atuação sente melhor o acontecimento ao vê-lo de perto.

Outro aspecto fundamental é a forma de organização da redação de um canal de televisão. No rádio, nas revistas e em jornais impressos é o próprio repórter que apura e escreve a notícia. Na televisão nem sempre é assim:



Observando este organograma, podemos verificar a notícia ou informação sendo construída/ produzida. Ela passa por diferentes “cabeças” antes de ir ao ar.

O Diretor de Jornalismo é normalmente quem “dita as regras”. Se na televisão existe uma linha editorial, é a dele. Por isso toda matéria veiculada pode mudar conforme troca o diretor. Na Band quem assume o cargo, hoje⁶, é o jornalista Xico Vargas. O telejornal da empresa tem como público alvo as classes B e C e idosos. Dessa maneira o jornal tem como preferência vocabulário bem simples e matérias de serviço. Xico sempre diz que nosso interesse é na cidade. À Bandeirantes não interessa cobrir o presidente Lula no Rio, por exemplo, se em sua agenda não existe nenhuma programação que afete diretamente nosso telespectador. Com uma longa carreira no jornalismo como diretor executivo do Jornal do Brasil e do site No, Xico foi um dos fundadores do portal Viva Favela, da ONG Viva Rio. “A política do nosso jornal é clara. Vamos atrás da notícia. A emissora entra em favelas quando necessário. Lá dentro, o que nos interessa é o que existe de novo. Não se cobre mais notícias que caem na vala do comum” conta ele.

Na Band, o papel do chefe de redação é mais burocrático. Além de aprovar matérias, ele é responsável por direcionar, junto ao coordenador de produção, a matéria que cabe a cada repórter. Na redação cada repórter tem um perfil, e mesmo que todos sejam jornalistas, uma matéria pode não ser bem elaborada quando atribuída ao

⁶ Ano de 2009.

jornalista errado. O chefe de reportagem é quem orienta os repórteres na rua. Ele encaminha e decide o “factual” que vale à pena cobrir. A escalada do telejornal ou o “furo” do dia podem ter o mérito atribuído a ele quando as equipes são bem direcionadas e conseguem realizar de maneira correta e eficiente o trabalho na rua. O editor-chefe também é responsável pelas matérias que entram no jornal. Junto ao diretor de jornalismo e chefe de redação ele decide o perfil das matérias que devem entrar. Cabe a ele passar todos os dias, na reunião de pauta, as produções do dia. Nesta reunião estão presentes todas as chefias. O editor também revisa e aprova os textos antes de entrar no jornal. Ele coordena os editores, responsáveis por revisar textos e juntá-los as imagens que darão origem a notícia. É por isso que muitas vezes, a notícia começa de um jeito e termina de outro. Teoricamente, “a edição pode botar na boca de especialistas e autoridades” o que eles não desejavam falar. Uma imagem somada a uma frase, pode dar outro sentido à matéria.

Já a escuta ou apuração⁷ é responsável por fazer a ronda diária junto às instituições públicas de saúde, segurança e etc. É por meio desta central que são descobertos acidentes e acontecimentos inusitados e corriqueiros na cidade. As centrais de apuração de diferentes veículos de comunicação estão todo o tempo em contato. Apelidados de “coleginhas”, os veículos se comunicam e trocam informações: seja através da apuração (existe um “mailing”, ou seja, um grupo de e-mails trocados pelos veículos, em que informações são compartilhadas) ou da chefia de reportagem. Quando detectado um acidente, operação em favela, ou qualquer acontecimento que renda matéria, a apuração notifica o chefe de reportagem, e este aciona os repórteres que estão na rua. Como já é de praxe ligações diárias, para as diferentes delegacias, batalhões e instituições de emergência e segurança, muitas vezes são as próprias instituições que entram em contato com a mídia. Também é de interesse delas divulgar seu trabalho. Muitos repórteres têm suas próprias fontes, e é normal que eles sejam avisados ou notificados de ações da polícia ou da guarda, assim como de secretarias pelo telefone. O dever da Pauta ou Produção⁸ é pensar a notícia de maneira que ela possa se transformar em reportagem. Este trabalho vai além dos factuais, mas mesmo com eles, quando existe a possibilidade de suíte (dar continuação ou repercussão ao acontecimento do dia anterior) é dever do pauteiro pensá-lo como será feito. É este jornalista que vai acionar e contactar os especialistas que esclarecerão ao público os acontecimentos. É ele também

⁷ Exemplo II do anexo

⁸ Exemplo III do anexo

que fica até tarde na redação quando uma matéria “cai”. O processo exaustivo de marcar e desmarcar com especialistas faz com que ele fique até tarde na redação. Às vezes deve-se inventar uma matéria tarde da noite, para que tudo dê certo no dia seguinte. O especialista tem o papel de confirmar o que à imprensa fala. Ele atribui ao discurso o “tom de verdade”. O produtor também vai fazer um relatório e encaminhamento para o jornalista que vai para rua fazer matéria. Como o jornalismo não para, existem turnos. Nesta troca de turnos, todas as chefias também têm que se reunir para trocar informações sobre as produções e notícias em andamento. Assim como os factuais do dia.

Um exemplo prático desta dinâmica é o caso de um menino de 16 anos queimado por policiais, no Rio de Janeiro, ao ser flagrado fumando maconha. Ele disse ter sido espancado, submetido a choques elétricos e queimado por um produto químico por militares do Exército. No caso, a Seção de Comunicação Social do Comando Militar do Leste (CML) emitiu duas notas sobre o assunto. Na primeira, de manhã, informava que um Inquérito Policial Militar (IPM) tinha sido aberto para “apurar melhor os fatos”. À tarde, comunicado admitiu que a vítima ficou entre 15h30 e 16h “dentro de uma área sob jurisdição do Exército”, tendo a guarda patrimonial usado “procedimento não-letal e indicado para esse tipo de ocasião”.⁹

Após cobrir o factual, ou seja, o momento quando tudo foi descoberto, a produção do Jornal do Rio conversou com especialistas que pudessem esclarecer ou “prever” como seria o desenrolar da história. Conversamos com a família do menino e com um perito judicial, que foi responsável por mostrar como a queimadura pode ter surgido. No caso dos militares culpados, tivemos que entrevistar o responsável pelo Comando Militar do Leste. É dever da imprensa, dar o direito de pronunciamento de quem quer que seja.

Vamos analisar, agora, em diferentes mídias, tanto televisão como impresso, a repercussão de um protesto que aconteceu na Linha Vermelha, na altura da Favela Baixa do Sapateiro, no Complexo da Maré no dia 14 de abril de 2009¹⁰. No dia, protestantes reclamavam da morte de Felipe dos Santos Correa de Lima, de 17 anos, atingido na cabeça durante uma troca de tiros com policiais do 22º BPM (Maré). Policiais diziam que o menino era traficante e portava armas e drogas. Já os moradores desmentiram.

⁹ Disponível em <http://www.odia.terra.com.br>. Dia 07 de novembro de 2008

¹⁰ Todas as reportagens analisadas podem ser vistas, na íntegra, no exemplo IV do anexo

No momento em que a manifestação começou o repórter, da TV Bandeirantes Fábio Barreto, passava pelo local com o cinegrafista Denis Cunha, que na emissora também trabalha como auxiliar de câmera. Esse é um detalhe bastante peculiar ao trabalho da “Band Rio”. Somente uma equipe da Band conta com auxiliar de câmera e cinegrafista o que, muitas vezes, interfere na qualidade do trabalho que será feito pelo repórter. No jornalismo, principalmente para televisão, é importante sempre captar o momento. Para isso as mãos de um cinegrafista não poderiam estar atreladas ao volante de um carro, o que acontece diariamente no caso dessa emissora.

Em entrevista com o repórter, perguntei o que o fez parar no local, afinal não era aquele o destino da reportagem. Ele me contou que a sensibilidade e intuição são elementos necessários para se tomar uma decisão como essa o que, na opinião dele, é adquirido com experiência de vida profissional. Fábio acredita que a necessidade que o jornalista tem de cumprir uma missão em situações como esta, o leva a não avaliar o risco de se entrar em local que exija o mínimo de segurança e proteção. A equipe não levava colete à prova de balas quando decidiu entrar no conflito para verificar o que acontecia o que, de certa maneira, fazia com que corressem risco de vida. Denis compartilha a opinião de Fábio ao contar o que o levou a chegar cada vez mais perto dos manifestantes e do gás lacrimogêneo que a polícia atirava. “A vontade é que o telespectador possa ver o mesmo que você viu naquele momento. Isso é que te faz tentar chegar cada vez mais perto do problema. É só depois ou na hora que você se toca do que fez ou onde se meteu.” O que é praticamente impossível quando sabemos que as lentes da câmera apontam para um fato em quanto outros acontecem ao mesmo tempo.

Também quis saber do repórter como e depois de quanto tempo ele avisou à chefia de reportagem que havia parado para cobrir o manifesto. Ele me contou que só fez isso bastante tempo depois. “A redação não vem à cabeça em um momento como esses. Não existem regras no jornalismo, não dá tempo” conta Fábio. “Eles não me mandariam voltar, somente se fosse uma situação de extrema periculosidade”. Pode-se perceber então, que na rua, o repórter da TV Bandeirantes ganha autonomia. Apesar de haver regras, o diretor de jornalismo, chefe de reportagem ou de redação não estão todo o tempo controlando o jornalista que está na rua. Fábio Barreto decidiu cobrir o manifesto.

Eu estava presente na redação neste momento e vi a agitação da chefia. O “furo jornalístico” era nosso, somente algum tempo depois outros veículos emissoras chegaram ao local. O chefe de reportagem mandou o jornalista voltar e não se arriscar.

Mas ele só havia avisado a redação do ocorrido quando tudo já estava sob controle. Na redação circulavam boatos de que um tiroteio acontecia. Eram 14h30 da tarde, o Jornal do Rio só começava às 18h50. Entre o acontecimento e a reportagem houve tempo para que o repórter chegasse à redação com calma e escrevesse a matéria. Mas se o incidente houvesse acontecido no horário do jornal, provavelmente uma nota coberta ria ao ar. Como a redação não sabia por completo o que acontecia, certamente a notícia que seria veiculada seria: “Tiroteio em protesto na Linha Vermelha”.

Sobre a diferença no material produzido para o Jornal da Band (rede), Jornal do Rio (local) e Brasil Urgente (jornal de rede, porém mais popular), Fábio acredita que a única diferença é a linguagem. “O jornal de rede é menos popular e tem que ser mais bem contextualizado, não são todos no Brasil que sabem onde é a Baixa do Sapateiro. Além disso, ele acredita que em jornais mais policiaiscos, como o Brasil Urgente, o objetivo não é ser sensacionalista. Na opinião dele, a imprensa deve noticiar a matéria de interesse público. “Quando fui entrevistar a mãe de Leslie, a menina grávida que foi morta no assalto, disse a mãe dela que não queria que ela mostrasse suas roupas e fotos, queria somente que ela expressasse o que achava que deveria ser feito pelo poder público. “Meu objetivo não era fazer a mãe da menina sofrer, mas apenas mostrar o que havia acontecido”. (ele fez alusão a um caso de Leslie Lima Vitória, enfermeira grávida de seis meses, morta no dia 18 de abril, com um tiro na cabeça, durante assalto em Maria da Graça, Zona Norte do Rio.). Mas nem sempre é assim que acontece. A imprensa muitas vezes opta por comover o telespectador.

O que acontece, com certa frequência, é a “corrida contra o tempo”. A necessidade de se dar a notícia faz com que ela não saia como o repórter planejou.

Faremos, então, uma breve comparação das notícias que saíram na mídia online neste dia para verificar a diferença entre a narrativa e o acontecimento.

Na reportagem feita pela TV Bandeirantes, o repórter Fábio Barreto conversou com policiais que alegavam que o menino assassinado era traficante, e com os moradores da favela, que asseguravam a inocência do menino. “Nesta situação você tem que sempre conversar com os dois lados, a polícia vai sempre dar a versão dela, e apesar de muitas vezes eles serem a fonte e o caminho, nem sempre sua versão pode ser tida como verdade única.”, contou o repórter.¹¹ Na matéria Fábio falou sobre “duas opiniões”, e acredita que o “vt” foi mostrado exatamente como o ocorrido. Ele disse

¹¹ Depoimento de Fábio Barreto em entrevista concedida à Erika Orenszajn no dia 29 de abril de 2009.

que, na TV Bandeirantes, a preocupação é colocar, sempre, a opinião dos dois lados. Apesar de muitas vezes não poder falar exatamente o que viu ou pensou, por sua matéria ter que passar pelas mãos da editoria antes “de ir ao ar”, o repórter acredita que seu trabalho poderia ser melhor se não tivesse que obedecer ao formato da matéria televisiva. Segundo Fábio, essa matéria pede um cunho opinativo, o que é impossibilitado pelo formato da TV.

Outro exemplo¹² desta notícia é do portal da Globo.com, o G1. Jornalistas do site não conseguiram chegar até o local. A notícia postada é construída à base da hipótese: “Segundo a Polícia Militar, há um protesto na via, que está causando congestionamentos” ou “Segundo testemunhas há também troca de tiros”. A foto ilustrativa é colaboração da TV Globo e a informação foi apurada pela escuta (central de apuração) do canal. Como título: “Protesto e tiros na Linha Vermelha assustam motoristas”. A matéria foi postada no dia quatorze de abril de 2009, às 15h12. Assim que foi confirmado pelo batalhão da área o que acontecia a notícia foi divulgada. É importante notarmos que a informação foi confirmada por telefone, o que torna a notícia ainda mais impessoal. Na nota, a informação é de que tiros eram trocados na linha vermelha durante protesto e que carros voltavam na contramão. A fonte principal é a polícia militar, que acusa moradores de causarem tumulto e provocarem medo nos motoristas. Logo depois vem os depoimentos de testemunhas e manifestantes que relatam tiros. Nessa matéria não se sabe bem quem atirou, mas se os tiros eram de dentro da favela, e o manifesto era provocado por moradores, a culpa por qualquer tipo de incidente é atribuída a eles. O medo de se passar pela Linha Vermelha é a quantidade de favelas que margeiam a via expressa.

Cerca de 1h30 depois, às 16h47 a notícia é atualizada¹³. Bombas de efeito moral tiveram que ser usadas para combater duas tentativas de fechamento da via. A fonte oficial é novamente a polícia, agora personificada, o que atribuía ainda mais autoridade ao que está sendo dito. “A informação foi passada pelo comandante do 22º BPM (Maré), coronel Rogério Seixas.” O canal já havia recorrido a alguém da polícia militar que estava na área. De qualquer maneira, esta foi a única fonte da matéria, o que se pode perceber pelo modo como se é colocada a opinião de testemunhas e moradores. Assim

¹² Disponível em <http://www.globo.com>. Acesso em: 14 abril de 2009
Matéria completa no anexo

¹³ Disponível em <http://www.globo.com>. Acesso em: 14 abril de 2009
Matéria completa no anexo

podemos ver que o momento em que a notícia é dada ou divulgada a população pode interferir na maneira como ela chega ao telespectador ou leitor. A cada hora ou novo contato existe uma nova informação. Na continuação da matéria é explicado o motivo do protesto. Um menino de dezessete anos foi morto pela manhã na Maré. Logo depois, no entanto, a polícia explica o porquê desta incursão e retira de si a responsabilidade da morte do menino, garantindo que com ele foram encontradas drogas: “Segundo os manifestantes, um jovem inocente teria sido morto durante uma operação do 22º BPM na favela, na parte da manhã. Mas, segundo o coronel Seixas, com ele foi encontrada uma mochila com cocaína, crack, maconha, munição e uma pistola.” O que se pode tirar desta nova atualização é que, se o menino foi morto, é porque ele portava drogas. Hora, as possibilidades acabam sendo grandes, pois para a sociedade a favela já é por si só um local onde se existem consumo e tráfico de drogas. A polícia, então, notificar que a morte do menino é derivada deste flagrante, não assusta a ninguém.

Como quarto exemplo¹⁴ vem o jornal “O Dia”, que também esteve no local e ainda repercutiu a notícia no dia seguinte. Na matéria abaixo, a repórter conversou com amigos e família da vítima. Na matéria do dia anterior, o jornal conversou ainda com a artista plástica Yvonne Bezerra de Mello, mulher que mantém um projeto social pela ONG Uerê, na Baixa do Sapateiro, e garantiu que o aluno, que fazia parte do projeto, não tinha envolvimento com o tráfico de drogas. A repórter conversou com a família de Felipe, que contou a ela que a polícia havia obrigado os pais do menino a limparem o sangue dele da calçada. Em notícia “O Dia” também procurou a Comissão de Defesa de Direitos Humanos e Cidadania da Alerj, que notificou que iria apurar o caso. Nesta notícia já se pode ver um caráter mais humano. O público do jornal é de classes mais baixas, B e C. Percebe-se assim, que as fontes da matéria são fundamentais para o olhar que vai ser atribuído ao acontecimento. Assim como a própria política do veículo de comunicação. Qualquer um que seja impossibilitado de entrar na favela e procurar falar com a família da vítima, provavelmente não conseguirá mostrar o outro “lado do acontecimento”. Os próprios manifestantes, que são a principal fonte do jornalista no momento do protesto, tem medo de falar perante os policiais.

A TV Globo¹⁵, que não chegou a tempo no local, perdeu em informações. O incidente rendeu apenas uma nota coberta para o jornal local, sem entrevistas. A

¹⁴ Disponível em <http://www.odia.terra.com.br>. Acesso em 14 abril de 2009

¹⁵ Disponível em <http://rjtv.globo.com>. Acessado em 14 de abril de 2009.

emissora então, mostrou o local pós-manifesto, com galhos e troncos quebrados sobre a via. Ninguém que estava no local foi entrevistado. A “nota coberta” fala que Felipe levou um tiro na cabeça, mas logo vem com o comentário da fonte oficial, a polícia. Eles “afirmam” que o jovem morto era traficante e que, com ele, foram apreendidas uma pistola, munição e drogas. Pode-se ver, claramente, que esta notícia também foi confirmada pelo batalhão por telefone. O que acontece muitas vezes é a própria deturpação da notícia pelo batalhão. Muitas vezes não se conversa com um porta-voz oficial, e sim com policias diferentes. Às vezes da patrulha, às vezes da sala de operações. Esta é outra maneira que pode acarretar no erro da informação.

E por último, a visão do site “Viva Favela”, uma mídia criada com intuito de publicar reportagens por pessoas que vivem dentro das comunidades. O objetivo era ter uma alternativa às notícias divulgadas pela grande imprensa (o tema vai ser tratado no próximo capítulo) sobre modo como a população da favela vê o acontecimento. O Viva Favela conta de modo mais detalhado quem era Felipe e como aconteceu o incidente. A família do menino disse à repórter que ele conversava com amigos, quando a polícia chegou. O menino havia saído para comprar alimentos para a lanchonete do tio dele, onde trabalhava. Pelas fotos publicadas na matéria também se vê a diferença de olhar. O texto e as imagens na matéria nos fazem notar a diferença no formato como a história está sendo contada. O acontecimento não se restringe a manifestação. Nessa matéria, os moradores, que estavam dentro da comunidade quando tudo aconteceu, relatam momentos antes do assassinato. Além disso, as fotos mostram o menino Felipe e a indignação de seus amigos (menores de idade) que protestavam no local.

Assim percebe-se que enquanto em todas as mídias: O Dia Online, O Globo Online, O G1, o RJTV e a TV Bandeirantes, as imagens são majoritariamente da confusão, trânsito provocado e galhos quebrados, ou seja, tumulto, as fotos do Viva Favela revelam a dor de familiares e amigos do menino assassinado.

A credibilidade, principalmente, da televisão, surge no momento em que o repórter comprova o fato através de imagens e entrevistas. O pobre ou favelado está caracterizado pelo modo de falar e de se vestir, assim como o policial pelo uniforme e pelo porte. A partir destas comparações verificamos que não existe uma deturpação do fato. A data, o local, nomes e informações mais relevantes, são as mesmas. Mas apesar de eles remeterem aos mesmos acontecimentos, o produto final (que deriva das diferentes narrativas) ou universo de entendimento é distinto. A “ancoragem factual” atribui veracidade ao fato.

É interessante notar que nas matérias em que a equipe do veículo não foi ao local, a prevalência na reconstrução dos fatos é da voz da polícia. Além disso, para se explicar melhor o acontecimento, é normal que se utilize estatísticas sobre crimes. Segundo Felix, estes são dois mecanismos pelos qual o jornalismo constrói – consciente ou não - os argumentos em torno dos riscos a que estamos expostos, e aponta os culpados por esta situação. (FELIX, 2008)

A materialização desse discurso se dá na forma de um total abandono da rua durante a noite em vastas regiões vizinhas a favelas. Não é preciso sair à rua para comprovar os riscos. Os estudos e mapeamentos baseados em estatísticas já fizeram este trabalho.

Segundo Felix (2008) ainda, o que a favela faz é personificar, diariamente, a ameaça pós-moderna na cobertura midiática. O tráfico de drogas passou a representar o mal que nos ameaça constantemente e a imagem do traficante está definitivamente ligada à da favela.

Embora conflitos em vias expressas revelem uma violência que ameaça tanto moradores de favela quanto os motoristas que por ali passam, episódios que se refiram a eles deixam claro quem são as verdadeiras vítimas da situação.

Os critérios de seleção das notícias, bem como toda a estruturação dos textos apresentados revelam o tratamento de cidadãos de segunda classe dispensado aos moradores dos espaços populares. A própria definição do que é notícia nestes espaços demonstram uma visão reducionista da vida nestas localidades. É certo que o medo e a violência habitam as favelas cariocas. Que o digam os moradores. Mas, sem dúvida, há outras dimensões da realidade do favelado que o discurso hegemônico a respeito dela oculta. (FELIX, 2008)

A pesquisadora analisou durante algum tempo as edições do RJTV 2ª edição da Rede Globo, que mostrou que o ano de 2004 ficou marcado com grandes conflitos na Rocinha, no Vidigal e na Beira Mar, com muitas mortes, boa parte delas provocada por policiais. As matérias que ela analisou no telejornal mostram como a violência dos traficantes atemoriza moradores e vizinhos. Mas o curioso, segundo Felix, foi notar que em 18% das matérias veiculadas no ano existem manifestações de moradores, protestando contra as mortes ocorridas em incursões policiais. São, no entanto, protestos anônimos, irracionais, de uma massa desordenada e furiosa.

Na pesquisa realizada por Felix, em 12% das matérias, os moradores aparecem protestando contra a violência policial de forma agressiva: impedindo a entrada na favela ou a passagem de motoristas em vias próximas com uso de barricadas, gritando e gesticulando numa atitude de desafio à polícia, subindo no teto de coletivos. Ainda que colocados na posição de vítimas, os moradores não se ajustam a este lugar, o lugar do impotente diante da injustiça. Sua atitude revela, ela própria, o risco que representam para a sociedade. Esse deslocamento enfraquece a denúncia contra a violência do estado e mobiliza os afetos em torno de uma ação enérgica. A população foi, de fato, às ruas e “parou a cidade”, como no caso da Linha Vermelha. Foram dois quilômetros de trânsito por causa da manifestação. Trata-se de problematizar a construção de uma narrativa que, no interior do discurso, estabelece o lugar de vítima e o bandido e em que o favelado é sempre o bandido. (FÉLIX 2008, p.64)

A confusão entre quem são as vítimas e quem são os bandidos é realçada pela presença da polícia nas manifestações: o reforço policial é chamado para garantir a segurança da população que circula nas áreas próximas à favela.

Félix lembra também “o discurso do poder” estudado pelo filósofo Foucault em 1979. É através dos discursos de verdade que o poder se legitima. “A verdade forma saber e está circularmente ligada às formas de poder”. (FOUCAULT, *apud*, FELIX, p.49) Segundo Foucault, a percepção dos riscos “inerentes” a uma sociedade não é naturalmente apreendida, mas institucionalmente construída. No caso do Rio de Janeiro, a mídia exerce um poderoso papel no estabelecimento dessa causalidade, que associa insegurança à pobreza e à favela. (BECK, *apud* FELIX, 2008).

Hoje, a narrativa do noticiário reforça quase que diariamente o argumento de que a favela e o favelado são causadores da insegurança na cidade. O mal que precisa ser combatido, ou pelo menos mantido à distância. Por trás da argumentação está a constatação de que os traficantes montaram seus quartéis gerais nas áreas mais pobres e toda vez que se sentem ameaçados – seja pelo poder policial, seja por uma facção rival – instauram o pânico na “cidade”.

Além da ênfase nas pautas negativas, os moradores também contestam a prevalência do discurso policial na representação dos fatos e na produção de sentidos para os acontecimentos. As redações dos grandes jornais hoje, efetivamente, se afastaram dos morros e favelas da cidade. Boa parte dos relatos que chegam à redação vem através da polícia, que se tornou em muitos casos, a única fonte ouvida pelo repórter.

A opção de só ouvir a polícia, que os jornais hoje atribuem à dificuldade de chegar à favela, acaba retratando apenas um dos lados do acontecimento. Daí vem a sensação de parcialidade do discurso, principalmente quando se trata de acontecimentos envolvendo a morte de moradores inocentes em confrontos entre policiais e traficantes.

Pode-se perceber assim, que o acontecimento torna-se espetáculo. A supervalorização dos problemas e a militarização do discurso sobre a favela na mídia acabam legitimando a violência contra os moradores. A discussão sobre a representação midiática da favela está ligada de modo intrínseco à violência policial nas comunidades.

O diretor de jornalismo do Jornal do Rio, Xico Vargas, fala em entrevista¹⁶ sobre a espetacularização da notícia na televisão. Xico contou que após a reestruturação do modelo de jornalismo americano nas décadas de setenta e oitenta, que visava a busca pela audiência, e assim a cópia deste mesmo formato no Brasil, a TV procura utilizar imagens que misturem movimento, áudio e vídeo. “No quesito favela, esse ‘trio’ é encontrado somente quando acontecem tiroteios e incursões policiais. Bem ou mal, é disso que o telespectador gosta”.

Para Xico, o que atrai na TV é a ação e a novidade. Como exemplo o jornalista cita a época em que os prédios do Rio começaram a ser gradeados. “Todos os jornais noticiavam que a cidade estava se cercando. Hoje é normal. Todos os prédios terem grades.”, conta. A favela assim como as grades caiu no senso comum. Vamos até lá quando “acontece uma lambança”. “Na semana passada, por exemplo, as crianças do Complexo da Maré ficaram sem aula por causa da guerra na favela. Aí sim vamos até lá mostrar o que está acontecendo.”, conta. A partir desse momento a Bandeirantes mostra os professores da área, suas dificuldades e o sistema de ensino.

Com todos estes “hiperestímulos realizados pelo espetáculo da TV” a morte, por si só, não espanta as pessoas. Do excluído não há o que falar, somente quando este retorna e invade o espaço da ordem. A violência é a principal ameaça à tranquilidade da classe média. O discurso do terror que paira no ar é, além dos fatos, a eterna criação dos meios, que precisam vender: pressuposto básico que rege a sociedade do espetáculo.

É dos medos que vivem as mídias. Medos que provêm secretamente da perda do sentido de pertencer, em cidades nas quais a racionalidade formal e comercial dói acabando com a paisagem na qual se apoiava a memória coletiva, nas quais a normalização das condutas, tanto quanto a dos edifícios, levam à erosão das

¹⁶ Entrevista concedida à Érika Orenszajn no dia 10 de junho de 2009

identidades, e essa erosão acaba roubando-nos o piso cultural, arrojando-nos ao vazio. Medos, enfim, que provêm de uma ordem construída sobre a incerteza e a desconfiança que nos produz o outro qualquer outro que se aproxime de nós na rua e é compulsivamente percebido como ameaça (BARBERO, *apud* CÔRREA, 2005).¹⁷

É desse modo, que a notícia sobre a favela chega, na maior parte das vezes, nos telejornais, na internet ou no jornal impresso. A partir daí, é fácil compreender porque o grande público que só obtém informações através dos meios de massa, cria uma imagem negativa da favela. A mídia só salienta o espetáculo do tráfico de drogas, ofuscando a promoção da cidadania nos morros, já que esta, segundo os meios, não é de interesse do público. (CORRÊA, 2005)¹⁸

O que valida o acontecimento como notícia é a identificação que o leitor terá com o fato. Segundo Corrêa (2005), para se noticiar o conflito em uma favela há pressupostos como: localização da favela em relação aos bairros de classe média e alta; influência do fato ocorrido para o asfalto, tais como alteração do trânsito, vítima moradora do asfalto, confronto espetacular entre traficantes e policiais, ou ainda flagrantes de atos criminosos. Mais uma vez pode-se dizer que o acontecimento foi peneirado. São favelas específicas abordadas diariamente pela mídia.

Desde janeiro de 2009, quando assumiu o prefeito Eduardo Paes, as favelas têm tido maior visibilidade na mídia. Não só por serem foco de guerras entre tráfico e policiais, ou milícias. Mais políticas públicas tem sido implementadas. Entre elas o policiamento, as “eco barreiras”, que impedem a expansão dos barracos e a degradação da mata, e um novo sistema de energia. A internet via banda larga, também começa a ganhar os morros cariocas a partir de programas do governo. A imprensa em geral, assim como a Band, tem ido a estas comunidades acompanhar de perto as iniciativas. Segundo Xico, a imprensa, o faz quando o programa nasce. “É novidade”. Mas depois de um tempo, a mesma imprensa terá que voltar àquele local, para mostrar que nada funcionou. Jornalista de opinião forte, ao ser indagado se a imprensa conseguia, de fato, mover o poder público até as favelas, Xico disse que este se movimenta apenas política e economicamente.

Do lado político, o que conta são os votos, e por isso a atuação do governo nas favelas. Costumo dizer que o governo divide a população entre os que “tudo podem”, no caso das comunidades

¹⁷ Artigo acessado no site www.vivafavela.com.br no dia 3 de março de 2009

¹⁸ Idem

carentes e favelas, e os que “tudo pagam” (pessoas que vivem no asfalto). Um exemplo são os gatos de “lava-jato” nas favelas. É sabido que 50% da água consumida é furtada. Mas nada é feito. As taxas e a energia que são usadas nas favelas já devem prestar contas a outro poder: aquele que atua nas favelas, as milícias. Quem paga essa conta é a pessoa que vive no asfalto.¹⁹

Xico falou ainda sobre as diferentes designações da palavra favela. Hoje vemos termos como comunidade, morro, favela. Ele contou que na Band, usa-se a palavra favela. Morro é utilizado quando o nome do local é no masculino. Favela é totalmente diferente de comunidade. As comunidades podem se referir às periferias, ou bairros mais carentes. Esse termo foi criado há algum tempo para a favela, pela Rede Globo. O objetivo foi amenizar o conceito criado pela sociedade sobre elas. Assim eles tentam limpar essa imagem de foco da pobreza, violência tráfico e transforma-las em bairros. Mas as favelas continuam lá, há anos abandonadas pelo poder público e já em processo irreversível. Nelas, praticamente, inexistente saneamento básico, e atuação do poder público. “Em pouco tempo, a palavra comunidade vai ganhar a mesma conotação de favela”. Xico ainda indagou. “E quando isso acontecer, qual vai ser a próxima palavra inventada na tentativa de mudar a imagem das favelas?”.

¹⁹ Depoimento de Xico Vargas, à Erika Orenszajn no dia 10 de junho de 2009.

4. UMA NOVA PAUTA PARA AS FAVELAS

O anseio por uma nova representação da favela surge muitas vezes dos movimentos populares. A busca pela mudança faz com que grupos se reúnam para lutar por um espaço na sociedade e também por outra possibilidade de representação para fugir do estereótipo e da discriminação como afirma Félix (2008). “Os processos que permeiam a produção jornalística representam etapas de uma organização social a partir da qual a comunidade consegue não apenas produzir novos discursos sobre si mesma, mas construir novas possibilidades de protagonismo social.” (FELIX, 2008, p.71, 75)

Ainda segundo Félix (2008), o termo comunitário como expressão, é relativo à estratégia de uma minoria política para se fazer ser ouvida. Diz respeito, ainda, à maneira pela qual esse grupo reivindica o direito à cidadania, não nos termos simples de uma democracia representativa, mas em termos de uma participação efetiva nas decisões e manifestações que lhe dizem respeito. Assim, o jornalismo comunitário é uma tentativa de estabelecer elos do indivíduo com sua comunidade. O interesse é promover uma cidadania negada a milhões de habitantes que constituem minorias silenciosas e torná-los membros efetivos de uma comunidade como sujeitos e não objeto da informação. Uma cidadania que se dá pelo caminho da organização popular em torno de novos mediadores sociais. Mas o jornalismo comunitário mencionado não é o único modo tentar mudar a imagem já instituída. A vontade de mudança surge também de profissionais ou pessoas que não são vieram, necessariamente, de espaços populares. Como veremos neste capítulo.

4.1 – O jornal do Complexo da Maré: O Cidadão

A análise das mídias comunitárias, nesse capítulo, começa pelo jornal O Cidadão, do Complexo da Maré, na zona norte do Rio. O jornal foi lançado em junho de 1999 pelo Centro de Estudos e Ações Sociais da Maré, o Ceasm. A Maré é o maior complexo de favelas do Rio de Janeiro formada por uma população de negros e migrantes. Nos últimos vinte anos foram realizadas importantes conquistas na melhoria da infra-estrutura do local, como luz, água e esgoto, mas o mesmo não ocorreu no campo econômico e cultural.

Como informa o site do Centro de Estudos de Ações Comunitárias da Maré, o Ceasm, “Com cerca de 130 mil habitantes, o bairro mais parece uma colcha de retalhos,

tecida por comunidades com histórias e características distintas de ocupação²⁰. Suas 16 comunidades estão distribuídas em pouco mais de 800 mil metros quadrados”.

Iniciativa dos moradores do complexo, o projeto do jornal O Cidadão era composto por pessoas que já tinham uma forte história comunitária. Desde 1980 já havia existido um jornal, uma TV e uma rádio no complexo da Maré. Em 1999, foi lançado O Cidadão, a editora Ediouro ficou responsável pela sua impressão. A proposta era integrar as diferentes favelas que existiam no complexo da Maré: elas já formavam um bairro. Fazer com que os cidadãos em que lá viviam se conhecessem melhor e trocassem experiências. Em sua primeira edição o jornal diz:

Comunidades com trajetórias, formas de organização, manifestações culturais e problemas diferentes, porém, vivendo a mesma realidade. A Maré há muito deixou de ser uma área favelada e hoje é um bairro do Rio de Janeiro. Essa transformação ocorreu porque os moradores lutaram por melhores condições de vida. No entanto, um detalhe chama a atenção. Quem vive, por exemplo, no Morro do Timbau, conhece pouco a Nova Holanda ou o Parque Maré – e o mesmo se repete nas demais áreas. *O Cidadão*, em sua edição de lançamento, busca apresentar um painel geral da Maré. O objetivo da reportagem é *eliminar a divisão e integrar as comunidades*, com informações sobre a história de cada uma delas. (FELIX, 2008, p.80)

O jornal da Maré não é feito apenas pelos moradores, mas principalmente para eles. A sua criação e escolha do nome fazem parte de um projeto político de luta que tinha como objetivo valorizar o morador da comunidade.

A cobrança de um serviço de qualidade, não a partir de uma instância institucional, associativa, mas de um movimento local, de rua, revela o amadurecimento político da população. Da mesma forma, mostra que as lutas de cada rua, de cada localidade, podem se articular e ganhar força com a mediação de uma instância legitimada. (FELIX, 2008, p.91).

Em O Cidadão “a objetividade jornalística cede lugar à subjetividade popular, às histórias em rede, em que uma lembrança puxa a outra que puxa a outra até formar o tecido da história.” (FELIX, 2008, p.91). Isso desmistifica a imagem criada da favela, dando lugar à divulgação de manifestações locais. Elas são criadas para informar a população moradora nas favelas da área, levando conhecimento a uma população em

²⁰ Disponível no site www.ceasm.org.br. Acessada em 30 de maio de 2009.

sua maioria desfavorecida. O objetivo não é repercutir a favela na mídia, como acontece com outros veículos ditos “alternativos”. A fórmula cidadã de fazer jornal nesse caso, consisti no apelo à solidariedade e na valorização do cotidiano da comunidade. Dela derivam as várias matérias que discutem os direitos das minorias – velhos, desempregados, sem-teto, mulheres, negros – e que mobilizam todas as lutas em torno da luta maior pela defesa dos direitos humanos. A partir desta fórmula podemos entender o esforço contínuo de valorizar os moradores mais antigos, as histórias do lugar, as opções de lazer, as estratégias de sobrevivência. Segundo seus idealizadores, em torno destes dois valores – a dignidade humana e a dignidade do bairro - se constrói a narrativa sobre a comunidade tratada como o bairro da Maré.



(Ilustrações do jornal “O Cidadão” das edições dos anos de 2003 e 2007, respectivamente. Fonte: FELIX, Carla Baiense. Entre discursos: Mídia e subjetividade nos espaços populares. Rio de Janeiro, 2008)

O jornal O Cidadão não tem regularidade na distribuição, e hoje, as matérias tem maior similaridade com aquelas publicadas na grande mídia do que no início do jornal. Não no que se refere a informação sobre o mundo mais amplo. Os jornais trazem pautas mais globais, que tentam inserir o cidadão da Maré na realidade em que vivem. A esse respeito, Carla Félix (2008), conta em seu trabalho:

A equipe do Cidadão fez uma enquete na Maré para saber o que o morador sabe sobre o aquecimento global e que medidas toma para contribuir com o retardamento dos seus efeitos. Todos os entrevistados disseram não saber nada sobre o tema e que não entendem o que a grande mídia publica sobre o assunto. Sendo assim, vamos esclarecer (FÉLIX, 2007, p.12)

Essa é também uma maneira de pautar as conversas das pessoas. Um modo de formar a “comunidade imaginada”, no sentido definido por Benedict Anderson (1899).

4.2 — A favela pauta a grande mídia: Viva Favela

Como se pôde ver nos capítulos anteriores, a grande imprensa é uma das responsáveis pela imagem que a sociedade construiu sobre as favelas cariocas. Como vimos antes através das idéias de Anderson (1899), a imprensa foi um elemento central na criação da imagem de nação e comunidade, pautando sua informação. No caso das favelas, o discurso da imprensa associou o crime à pobreza. Mas o curioso é que essa mesma imprensa vai buscar lançar um novo olhar sobre esses espaços. Uma nova maneira de pensar e escrever as favelas. É aí que surgem movimentos que vão contra a imagem construída pela sociedade. Surge o Viva Rio, e mais tarde o Viva Favela, como protagonista dessa nova pauta.

No ano de 1993, duas chacinas cometidas por policias militares chocaram a cidade. Na primeira, oito meninos de rua foram assassinados brutalmente nas escadarias da Igreja da Candelária, no centro do Rio. Apenas um mês depois, outro crime brutal: agora eram 22 moradores da favela Vigário Geral, na zona norte da cidade, assassinados por peemes. A cidade ficou perplexa. Os moradores das favelas descrentes e revoltados. A partir daí, a imprensa decide interferir no rumo da cidade. Moradores do asfalto, artistas plásticos, antropólogos, sociólogos decidiram ultrapassar as “barreiras da cidade”.

O Rio de Janeiro ainda vivia o choque da chacina de Vigário Geral quando um grupo resolveu se reunir para fazer alguma coisa (...) Fazia parte do masoquismo do momento uma certa satisfação em contar casos de violência urbana (...) Um ano antes fora o esplendor. A Eco 92 mostrava para o mundo um lição de como se organizava um conferência internacional(...) O mundo se mudou pra cá, a criminalidade diminui, não havia violência nas ruas, em cada esquina um soldado do exército garantia nossa paz(...) No segundo semestre de 92 tudo voltou ao normal, isto é, a violenta rotina. E 1993 ainda seria pior. (...) De volta de uma viagem em fins de agosto acontecera Vigário Geral – aquelas 21 mortes absurdas, executadas pela própria polícia. (...) A idéia de Walter era que O Dia fizesse alguma coisa. (...) Walter conversou com a redação, telefonou para Betinho (...) Walter trazia a disposição de incluir O Globo e o Jornal do Brasil na empreitada cívica. A campanha contra a fome ainda não conseguiria repercussão nacional, mas já tinha dado a Betinho uma razoável

experiência de organização. Todos os segredos foram colocados sobre a mesa. – ‘ A chave está nas primeiras pessoas que a gente chama’, ele ensinou. ‘é preciso formar um DNA capaz de reproduzir e multiplicar’. Outro conselho fundamental era a diversidade de participação: todos os setores da sociedade deveriam estar representados acima de partidos e ideologias. Com uma frase ele resumia também o que poderia ser a plataforma do movimento: ‘ O Rio tem que ser um só. (VENTURA, 1994, p. 70, 71)

Em uma sala sentaram-se, então, metalúrgicos, empresários, jornalistas, publicitários e representantes dos três maiores jornais da cidade. A idéia era unificar a cidade. Em 1993, surge o movimento “Viva Rio” que posteriormente é transformado em ONG. São organizações como esta que, inicialmente, se preocupam com o rumo violento que a cidade toma. A missão era integrar a “Cidade Partida”, descrita por Zuenir Ventura (1994), e formar uma cultura de paz, interagindo com a sociedade civil por meio de políticas públicas, sobretudo nas favelas e bairros pobres. Essa era a necessidade de justiça e uma tentativa de recuperar a auto-estima perdida nas chacinas que haviam acabado de acontecer. Neste mesmo ano é promovido o encontro entre a ONG Viva Rio e um grupo de representantes de Vigário Geral. Os muros entre as duas cidades começam a ser derrubados.

O trabalho social junto a comunidades carentes sempre foi o eixo de trabalho da ONG, e em 1995 surgiu a necessidade de se criar uma mídia específica que pudesse desmistificar a maneira de se falar sobre as favelas. Como conta Monçores (2005, p.13), o Viva Rio chegou a tentar a negociação com a grande mídia espaços que o tema favela pudesse ser livremente abordado. Os resultados foram malsucedidos. Não havia espaço para este assunto na grande imprensa. Apesar da Globo.com ser a financiadora do portal, a redação deste veículo tinha sua própria editoria. O máximo que poderia acontecer, seria utilizar estas informações para escrever futuras matérias. Nem mesmo, inicialmente, a idéia era utilizar as reportagens do site²¹. A solução foi criar um portal especificamente para o assunto. Assim, o desejo foi levado a representantes dos maiores grupos de comunicação da época: Walter Mattos (O Dia), João Roberto Marinho (O Globo) e Kiko Britto (Jornal do Brasil). Em julho de 2001 surgiu o Viva Favela. O termo Viva ao lado da palavra favela carrega uma conotação positiva (MONÇORES, 2005).

²¹ Contou Xico Vargas, responsável pela parte jornalística do site, em entrevista fornecida à Érika Orenszajn no dia 10 de junho de 2009.

O portal criado pelo Viva Rio daria uma visão mais abrangente às comunidades carentes e seria responsável por interferir na pauta da mídia tradicional. (RAMALHO, 2007, p.15). Mas o site não funcionava somente como fonte de notícias. Como contou Xico Vargas, um dos fundadores do portal, O Viva Favela era uma rede de serviços e facilitadores para a população da favela. Existia um “balcão de direitos” em que o cidadão poderia tirar dúvidas diversas, sobre documentação e processos. O portal também facilitaria o comércio nas comunidades. “Em vez de cada comerciante comprar um saco de farinha para sua loja, através do portal, podia se encomendar o total de farinha para a favela, e assim dividir posteriormente. O preço sairia muito mais em conta.”²²

O diferencial do Viva Favela não era só o conteúdo ali veiculado, mas a composição das equipes de reportagem. Foram contratados “correspondentes comunitários” das favelas, responsáveis por fazer essa ligação entre morro e asfalto até então impossível. Entre eles, não só repórteres como também fotógrafos, que mostram o olhar de um diferente ângulo. Eles entrariam de fato dentro das comunidades e trariam assuntos jamais comentados ou imaginados. Eram modos de se viver, como os bailes funk, a arte, a pobreza e até personalidades únicas encontradas nas favelas. O espelho das mortes e tiroteios que aconteciam pela cidade também fazia parte desta pauta. Por mais difícil que fosse comentar o outro lado, era papel destes moradores da favela mostrar o que seus vizinhos achavam e como eles se sentiam diante dos acontecimentos.

O projeto começou a ser desenvolvido por Oscar Valporto, que ficou responsável pelas equipes e pela montagem da redação. Já o jornalista Xico Vargas, se responsabilizou pela internet: buscar a equipe técnica do site.

A equipe de correspondentes foi escolhida com alguns critérios como liderança comunitária, experiência em comunicação e boa redação. Os locais a serem cobertos eram inicialmente: Zona Oeste, Baixada Fluminense, Complexo do Alemão, Rocinha, Cantagalo, Pavão-Pavaõzinho, Ramos, Complexo da Maré, Cidade de Deus e Morro do Tuiuti. Junto aos correspondentes jornalistas profissionais que os orientavam e auxiliavam nos textos. O crédito da matéria acabava sendo dividido. (RAMALHO, 2007)

A jornalista Cristiane Ramalho, editora do site, conta no livro “Notícias da Favela” a repercussão que o portal ganhou nas comunidades mais carentes. Os

²² Idem

correspondentes tornaram-se elo de comunicação entre os acontecimentos da cidade e da favela. As notícias eram lidas por todos e tornavam-se motivo de orgulho. Desde o assassinato do jornalista da Rede Globo, Tim Lopes, em 2002, no Complexo do Alemão, a imprensa parou de entrar nas favelas. Tim fazia uma reportagem investigativa sobre consumo de drogas e exploração sexual de menores num baile funk quando foi pego e torturado por traficantes. A TV Globo adotou a política de usar carros blindados para passar pelas proximidades desta comunidades, ou filmá-las de cima, a partir de um helicóptero. Não foi diferente com os jornais O Dia, Extra e a Folha de São Paulo e os demais. Todos tinham políticas pré-definidas para lidar com as favelas. A cobertura da mídia na favela tornou-se precária. Ramalho conta que, às vezes, matérias eram estampadas em postes e paredes pelas comunidades. Estes repórteres passam a ser vistos como esperança. Eles poderiam contribuir para melhorar as condições de vida local. Assim, para que os moradores pudessem ter acesso à internet e acompanhar o site foram criadas as Estações do Futuro. (RAMALHO, 2007, p.129)

Ao todo eram dez postos com computadores, aulas de informática e outros serviços espalhados pelas comunidades do Rio de Janeiro. (MONÇORES, 2005, p.13)

O Viva Favela tinha como objetivo final a repercussão na mídia. O momento de distanciamento dos jornalistas da grande imprensa das favelas era favorável à nova equipe do site, que poderia destacar-se cobrindo e mostrando um lado das comunidades carentes que ficava muito distante da imprensa. O propósito do site, no entanto, não era ser a “Revista Caras” da Favela. Os repórteres deveriam repercutir a violência em que lá existia. Como diz Xico Vargas em entrevista, “não adiantava fazer matérias em que mostrassem que a favela era o melhor lugar do mundo, porque não é: impossível um lugar em que falta saneamento básico e atenção do governo ser o paraíso.”²³

A grande mídia também passa a se apropriar das pautas oferecidas pelo site. “Para o jornalista, a existência de correspondentes funcionava como uma espécie de salvaguarda e sempre facilitava as coisas” (RAMALHO, 2007, p.119) Principalmente em momentos de tensão como o assassinato de quatro jovens em abril de 2003, no morro do Borel. O Viva Favela foi o primeiro a chamar atenção para o caso e assim repercutiu em toda a imprensa. Na época, moradores do morro enviaram uma carta às autoridades; o ministro da Defesa Márcio Thomaz Bastos e ao secretário Nacional de Direitos Humanos Nilson Mario Miranda. Depois que a resposta pelo poder público foi

²³ Depoimento de Xico Vargas, responsável pela parte jornalística do site, em entrevista fornecida à Erika Orenszajn no dia 10 de junho de 2009.

enviada; eles tomariam uma providência, foi publicada a matéria “Vidas Interrompidas” no site Viva Favela. O jornal Extra e O Globo repercutiram o caso e deram o crédito do site. Um semana depois o secretário de direitos humanos estava no morro. A visita de Nilmário ao Borel foi manchete de todos os jornais e telejornais do Brasil. (RAMALHO, 2007, p.122).

Outro caso de grande êxito e repercussão do site foi quando explodiu a guerra na Rocinha em 2004, na véspera da Semana Santa. O conflito foi motivado pela disputa de pontos de venda de drogas por facções rivais da favela. Logo no primeiro dia morreram dois moradores da favela e uma pessoa civil, que passava de carro pela Avenida Niemayer. Pasmos, os moradores entraram em casa e não tinham coragem de dar qualquer tipo de depoimento a imprensa. Mais uma vez, foi o Viva Favela o responsável por mostrar à sociedade como viviam as pessoas que todos os dias encaravam o conflito na Rocinha. Trechos dessas matérias foram reproduzidos pelo “Globo Online”. A repercussão cruzou o oceano e foi até o país basco. O jornal “Berria” entrou em contato com o Viva Favela solicitando informações sobre as comunidades no Rio.

4.3 – A política pública nas favelas: Observatório das Favelas

O Observatório das Favelas, criado em 2001, é um centro virtual de notícias e produções sobre as comunidades populares, ações socioculturais e políticas públicas urbanas. O propósito maior é a promoção de um intercâmbio entre conhecimento acadêmico e o saber popular. Assim como o Viva Favela, o site oferece serviços e agenda para a população das favelas. No portal existe também um setor de notícias, mas o modo de pautar e atuar na grande mídia são um pouco diferentes daqueles propostos pelo Viva Favela.

A missão declarada do portal é elaborar conceitos, projetos, programas e práticas que contribuam na formulação e avaliação de políticas públicas voltadas para a superação das desigualdades sociais. Para serem efetivas, estas políticas têm de se pautar pela expansão dos direitos, por uma cidadania plena e pela garantia dos direitos humanos nos espaços populares. O Observatório atua em três vertentes²⁴:

²⁴ Informações do site www.observatoriodefavelas.org.br, acessado no dia 01 de junho de 2009.

1. Comunicação e Cultura

Essa vertente do trabalho é responsável por criar e articular condições, formas e meios para uma comunicação dos espaços populares e dos moradores destinados a diferentes públicos. É dessa maneira que a notícia da favela chega à grande imprensa: ela é envolvida e pautada por essa rede de comunicação que forma novos atores na área do conhecimento nas favelas e periferias da cidade. O objetivo aqui é romper os discursos criminalizantes e paternalistas destinados à estas comunidades. Dessa maneira a populações desses locais, em toda a sua diversidade, pode enfrentar os estereótipos e colaborar com a construção de uma cidadania plena e participativa.

2. Desenvolvimento Territorial

Nessa vertente são feitos diagnósticos sociais e levantamentos nas favelas e periferias para formular e programar projetos nesses espaços, propor, subsidiar e avaliar políticas públicas urbanas. Assim é feito um investimento na formação metodológica e política do jovem da favela, no intuito de formar pesquisadores que tenham identificação com sua origem. Nesse processo eles tornam-se lideranças potenciais de suas comunidades.

3. Direitos Humanos

O trabalho consiste em propor políticas e metodologias que sirvam de exemplo para a redução da violência letal, principalmente contra os jovens de espaços populares, e para desenvolver projetos que contribuam com uma política de segurança realmente cidadã, baseada na valorização da vida.

Resumidamente, nestes três eixos de atuação o Observatório pretende influenciar as políticas públicas e torná-las efetivas, ao mesmo tempo em que elaboram conceitos que rivalizam com a maneira já existente de se pensar a favela como território do crime. Como contou o coordenador de Comunicação do Observatório de Favelas, Vitor Monteiro²⁵, a tentativa de tornar o morador da favela integralmente parte de uma sociedade é apresentar uma nova visão da favela que seja capaz de abranger toda a sua diversidade e suas diferenças, sem que para isso seja necessário deixar de lado os

²⁵ Em entrevista concedida por e-mail à Erika Orenszajn do dia 2 de junho de 2009

problemas vividos dentro dessas localidades. Convém lembrar que não se deseja idealizar as favelas e seus moradores. Mas sim reconhecer que estes espaços não estão colocados como o espaço ideal de vivência e moradia para a população, já que são fruto das desigualdades sociais existentes em nossa sociedade.

Dois outros elos de comunicação com o público se destacam no Observatório: o primeiro, é que além de fornecer notícias sobre as favelas no seu próprio site, ele oferece fontes para pesquisa à própria imprensa. No site existe um banco de pesquisadores e de notícias. Assim, ao falar sobre algum assunto da área em que o Observatório atua, profissionais da mídia podem procurar referências no site. Além disso, existe no site um canal bastante interessante que se chama “Observatório Notícias & Análises”. Apesar de coordenado por profissionais do Observatório de Favelas, o canal não é somente uma página de notícias e artigos de caráter institucional. Ele é construído por reportagens e relatos de interesse público, sobre a cidade e as favelas. A partir desses artigos, a equipe do Observatório envia quinzenalmente um boletim com as matérias de maior importância elaboradas no período. Vitor Monteiro, Coordenador de Comunicação do site, conta:

O Notícias & Análises tem como meta veicular a produção de programas sociais de formação em comunicação e de meios locais de informação e se esforça para veicular conteúdos elaborados por indivíduos e grupos que desafiam os estereótipos predominantes sobre as favelas e os seus moradores, que criam experiências de exercício de cidadania na sua comunidade ao intervirem no campo das mídias e da comunicação.²⁶

Assim, não há uma intenção direta de veicular os textos do site na grande mídia, mas é fato que há o interesse em influenciar o debate sobre os temas trabalhados pelo site, conta Vitor. Segundo ele, “Até porque não adianta falar para quem pensa igual a nós, é preciso dialogar com outros atores, na perspectiva de influenciar a discussão de temas que consideramos relevantes.”, diz.

Vitor de Castro também explica, ao ser questionado sobre a real intenção do site, que projetar os textos e trabalhos do site na grande mídia e tornar universitários de

²⁶ Idem

comunidades carentes em potenciais difusores de opinião, são duas propostas diferentes e complementares do site.

“Apesar de não existir uma intenção direta em veicular os textos do site na grande mídia, o interesse em influenciar o debate é grande. Em um projeto específico do Observatório, a Escola Popular de Comunicação Crítica (Espocc), temos o interesse direto em fazer com que esses jovens, todos moradores de favelas, escrevam e produzam para o site e fora dele suas visões de mundo a partir de suas vivências.”²⁷

Na opinião do coordenador, a naturalização do crime e da violência dessas localidades faz parte da formação daqueles que a constroem diariamente. “Há, nesse sentido, uma restrição dos espaços de encontro e convívio na cidade, além de mecanismos que impossibilitam a participação desses moradores na vida urbana em sua plenitude, dificultando o exercício da cidadania.” Vitor contextualiza sua opinião com discurso proferido pelo governador Sérgio Cabral ao site de notícias G1, em outubro de 2007. O político propunha a legalização do aborto como medida para controle da violência no Rio.

Em aula inaugural na Escola de Comunicação da UFRJ, o jornalista Augusto Gazir, hoje um dos coordenadores do portal, falou sobre a ausência de estatísticas formais e de conhecimento sobre a periferia e a favela. Segundo ele, essas são as principais causas da imagem negativa criada sobre a favela. Gazir conta que essa ausência “Faz com que o Estado realize políticas equivocadas e que não haja um grande poder de pressão”²⁸. Ele defende ainda que a grande mídia seja pautada para superar a “desigualdade simbólica” e contribuir para expor outras visões de mundo com a afirmação de mais uma voz, aquela que esta dentro da favela “Ao contrário do que muitos pensam, ela não tem que ser combatida”. (GAZIR, 2009)

O jornalista ressalta também que, em perspectiva histórica, as políticas higienistas no início do século XX como a criação dos conjuntos habitacionais da Cidade de Deus e da Vila Kennedy no governo militar e, atualmente, o Programa de Aceleração do Crescimento, conhecido como PAC das Favelas tentam modificar essa imagem. Mas segundo ele, o que se discute hoje, não é somente o debate sobre a

²⁷ Idem ao 22

²⁸ Aula de Augusto Gazir na Faculdade de Comunicação da UFRJ no dia 02 de junho de 2008. Acessado no site www.aretteeducar.blogspot.com no dia 01 de junho de 2009.

remoção das favelas, e sim a reurbanização: “O PAC é uma intervenção bastante vertical, assim como o Favela Bairro. Apesar de todos os avanços do PAC, o desafio é justamente fazer ouvir as outras pessoas, os próprios moradores”, afirmou. Essa é a única maneira de intervir corretamente e obter bons resultados, acredita o professor.

No Rio de Janeiro não há apenas desigualdades sociais e econômicas, as favelas têm sido um anti-símbolo da imagem que o Rio tem de cidade maravilhosa. O desafio é sensibilizar o Estado para estas questões. Devemos fazer com que esses projetos e iniciativas tomem a proporção de uma política pública e uma implementação do Estado. Estas políticas que não visam uma interação com a sociedade correm as riscas de não serem eficientes por não abrirem espaço para diálogo com a população que vive nestes locais.²⁹

Segundo Vitor Monteiro, é desse modo que Observatório de Favelas pensa em alternativas de comunicação que apresentem uma nova visão desses locais, e que possa abranger toda a sua diversidade e suas diferenças, sem que para isso seja necessário deixar de lado os problemas vividos dentro dessas localidades.

²⁹ Idem

6. CONCLUSÃO

Desde o seu surgimento na cidade, as favelas têm sido objeto do discurso da mídia. Em 1897, quando o escritor Euclides da Cunha relata em “Os Sertões”, a vinda de ex-combatentes de Canudos para o Rio e sua instalação no Morro da Providência, essas narrativas assumem grande importância para a população que reside nas outras partes da cidade, a que hoje chamamos genérica e imprecisamente de “asfalto”.

As reformas urbanísticas do início do século XX, ao banir os cortiços das áreas ditas “nobres” da cidade, fazem com que o Rio de Janeiro tenha seu espaço separado e segregado entre zonas pobres e ricas. Assim, reforça-se, no imaginário social uma representação que parece óbvia: o crime acontece nestes locais onde coexistem pobreza e péssimas condições de vida.

A violência e os acontecimentos ocorridos nas favelas sempre foram tema do dia nos jornais. De certo modo, a violência e a marginalidade passam a ser fortemente associadas ao espaço da pobreza situado nas favelas. Terra de ninguém, espaço temido e pouco conhecido pelos que habitavam a cidade “oficial”. Esse tipo de discurso da mídia cotidiana sobre as favelas e seu crescimento, portanto, foi um elemento central no modo como se definiu a pauta sobre essas comunidades para o conjunto da sociedade. Por outro lado, sua expansão parece se dar ao mesmo tempo em que aumentam os índices de criminalidade na “Cidade Maravilhosa”.

O conhecimento da sociedade mais ampla sobre as favelas foi em grande parte mediado pelo discurso jornalístico. O cidadão comum, que nunca lá esteve recorre à grande mídia para saber o que acontece nessa terra dita de ninguém. Dessa maneira vai se constituindo uma imagem sobre essas comunidades. Essa situação foi se agravando nas últimas décadas, com o aumento da violência, quando os próprios jornalistas passaram a evitar entrar no espaço das favelas. No entanto, a possibilidade dos jornalistas conhecerem a favela é uma condição fundamental para que se mude essa imagem estereotipada. Foi o que aconteceu no caso do jornalista Zuenir Ventura, em 2001. Em seu livro, *Cidade Partida*, ele apresenta uma visão sobre a favela de Vigário Geral que ninguém antes conhecia. Tratava-se, segundo ele, de um local onde havia pessoas com vontade de se mudar o mundo em que viviam.

Algumas ONG's também criaram serviços de comunicação com o objetivo de mudar a percepção sobre a favela. Além de notícias, elas ofereciam diversos serviços e projetos como modo de reinserir sua população na sociedade. Foi o caso do site Viva

Favela, da ONG Viva Rio e do Observatório de Favelas. No caso do Viva Favela houve época em que o site estava com toda a força e, através de seus repórteres comunitários, residentes nas favelas, conseguia emplacar matérias na grande mídia, com exclusividade, sobre assuntos que eram quase que impossíveis de serem abordados pela grande imprensa. Sobretudo após a morte do jornalista Tim Lopes, no ano de 2002, quando vários jornais proibiram os repórteres de entrarem nas comunidades faveladas. Os repórteres do site, ao contrário, estavam no local do qual se falava, onde tudo acontecia.

Alguns anos mais tarde surgiu o Observatório de Favelas, com o propósito de formar difusores de opinião e cultura dentro das próprias comunidades, através da Escola Popular de Comunicação Crítica. A proposta deste projeto é criar políticas públicas de inserção social formando jovens das comunidades locais que venham a contribuir para uma renovação constante da imagem das favelas. Pode-se dizer que é um resultado dessas iniciativas o fato de hoje, uma outra forma de pautar as favelas estar começando a acontecer na mídia. A frequência com que se vê hoje, nos canais de televisão, boas notícias sobre estas comunidades é relativamente maior do que há algum tempo. Não é raro que iniciativas culturais realizadas nas favelas estejam, na capa do segundo caderno do Globo, ou que, na agenda cultural da Rede Globo, constem matérias sobre os projetos que começam ou já estejam sendo bem sucedidos em comunidades carentes.

Entretanto, o espetáculo da violência ainda é o que predomina. Parte desse show é chamado pela imprensa de “factual”. O movimento das câmeras, o som e o medo fazem diariamente da notícia do cidadão carioca um filme. Em entrevista com Xico Vargas, diretor de jornalismo do Jornal do Rio da Band, perguntei o que seria do jornal se não existissem mais factuais. Ele sorriu e disse: “Não sei”.

Segundo ele, a audiência vem do espetáculo. É nele que a mídia insiste e vai continuar insistindo. Não interessa cair na vala do comum e falar sobre projetos nas favelas se esse tipo de matéria ao é de interessa para aqueles que assistem ao jornal. O que acontece às vezes é se falar de problemas na educação ou no comércio que derivam de conflitos. Mas o embrião do problema é quase sempre o “show” de factuais. Fica claro também, a dificuldade de se atribuir um olhar diferente, senão do criminoso e do ladrão, sobre aquele que nas notícias, está no antro dos conflitos que fazem mães se apavorarem todos os dias com a violência da cidade. É quase que impossível vermos de maneira positiva pessoas que param vias expressas em forma de protesto. Se um ônibus

é queimado na Linha Vermelha por moradores da Maré, não podemos saber quem foi o culpado e a mando de quem. Na opinião de alguns, mesmo que inocentes, as pessoas que cometem estas barbaridades possuem familiares envolvidos com o tráfico. Na opinião de outros, elas nada tem a ver.

Como mencionado no capítulo sobre a favela como notícia produzida pelo jornalismo, é através de discursos de verdade que o poder se legitima, assim, a imprensa ganha poder e legitima essa verdade mostrada por ela. Os riscos “inerentes” à sociedade não são naturalmente apreendidos, mas construídos por quem os divulga. No caso do Rio de Janeiro, a mídia é a grande responsável por associar insegurança à pobreza. Mas é importante lembrar, que mesmo que produzida, a notícia ganha diferente conotação dependendo de onde ela é construída. Tudo depende de quem pensa a notícia e da linha editorial a ser seguida. Não é sempre que a idéia começa de um jeito e acaba como planejado. No caminho entre o início e o fim ela passa por diferentes pessoas e formas de pensar.

Ainda hoje, poucos conhecem quem mora na favela e como lá se desenvolve o comércio e as relações pessoais. O que é sabido por todos é que nestes locais existe a boca-de-fumo e o tráfico de drogas. E a maneira como a imprensa cobre estas descobertas corrobora com a imagem já instituída. O imediatismo da notícia e a hierarquia instituem a urgência dos fatos. O critério é muitas vezes o sensacionalismo e o interesse pela audiência. Por isso a linha editorial dos jornais, que na maioria dos casos privilegia a cobertura de matérias em bairros nobres, é de extrema importância. E mais uma vez, além de só se falar da parte ruim das favelas, a cobertura fica restrita nos locais mais próximas da área nobre da cidade. Como contou Vitor Monteiro em entrevista (2009), o diretor da sucursal de um grande jornal no Rio confessou a ele que: “o pessoal na redação até brinca e diz: ‘Olha, matéria grande em favela longe, só acima de 12 mortos’. Vitor lamente:” Se for na Rocinha, localizada em zona nobre do Rio, o jornal dá a maior importância do mundo”.

Assim, os conflitos são superficialmente abordados. Alguns ganham mais destaque e exploram a situação de todos que o presenciam. Mesmo assim, as fontes são parciais, na maioria das vezes são fornecidas somente pela polícia. O medo da imprensa de entrar no morro e explorar o conflito, assim como o medo que o “favelado” tem de falar com a imprensa, confirma o que o espetáculo de sons e tiros mostra todos os dias nos jornais.

A chamada mídia alternativa, não tem capacidade nem estrutura financeira para alterar essa imagem que já vem sendo construída e reforçada há anos. Principalmente se não é vontade do leitor, ou da sociedade modificá-la.

Hoje vejo que as notícias sobre as favelas merecem pesquisas mais aprofundadas, mas os resultados desse trabalho levam a avançar a hipótese de que uma mudança transformadora no discurso da imprensa sobre as favelas só poderá acontecer de forma efetiva quando houver uma nova diversidade de olhares no interior da mídia hegemônica. Essa constatação por parte dos próprios jornalistas pode ser um grande passo na busca por uma nova cobertura da mídia em relação aos espaços populares. Porém, alguns aspectos dificultam essa transformação. Um deles é a condição social dos jornalistas. A grande maioria pertence à classe média. Nesse sentido, trazem pouca experiência relacionada ao cotidiano dos moradores de favelas e periferias.

Ou seja, é necessário que os profissionais que hoje lutam para mudar a imagem das favelas estejam dentro das redações da grande imprensa.

A partir do depoimento de grandes nomes da imprensa como Xico Vargas e Vitor Monteiro de Castro, fica clara a necessidade de se intervir na maneira de se pensar a cidade nesses veículos de comunicação. Embora a violência predomine na razão dos veículos de comunicação, a notícia é construída de formas distintas. Para a diminuição da violência é necessário políticas de redução das desigualdades, criação de empregos e educação. E assim, para que isso seja noticiado, a pluralidade nas redações de jornalismo da cidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes eletrônicas:

<http://www.fafich.ufmg.br>

<http://www.rio.org.br/riomemoria>

www.vivafavela.com.br

www.observatoriodefavelas.org.br

www.ceasm.org.br

www.areteeducar.blogspot.com

www.odia.terra.com.br

www.oglobo.globo.com

www.globo.com

Livros, artigos, dissertações e teses:

ALMEIDA, Aline Gama. Maravilhosa e Partida: representações do Rio de Janeiro no telejornalismo local. Rio de Janeiro, 2008.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo: Editora Companhia das Letras, 1989.

BECKER, Beatriz, 500 anos de descobrimento dos noticiários na TV, Telejornalismo: A Nova Praça Pública, editora Insular, 2006.

CRESPO, Daniela dos Reis. O cotidiano Policial no Rio de Janeiro de Pereira Passos. Juiz de Fora, 2007.

FELIX, Carla Baiense. Entre discursos: Mídia e subjetividade nos espaços populares. Rio de Janeiro, 2008.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.

LIMA, Luana Monçores. Viva Favela e Observatório de Favelas: A internet como estratégia de ação dos movimentos sociais. Rio de Janeiro, 2005.

PAULI MATSUDA, Alice Atsuko. As representações sócio-espaciais da cidade em Lima Barreto. São Paulo, 2008.

RAMALHO, Cristiane. Notícias da Favela: Editora Aeroplano, 2007.

RIBEIRO, A. P. G. A mídia e o lugar da história. Lugar comum, Rio de Janeiro, n.n. 11, p. 25-44, 2000.

VALLADARES LdP. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2005.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. Rio de Janeiro, 2000.

VENTURA, Zuenir. Cidade Partida. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

7. ANEXOS

I

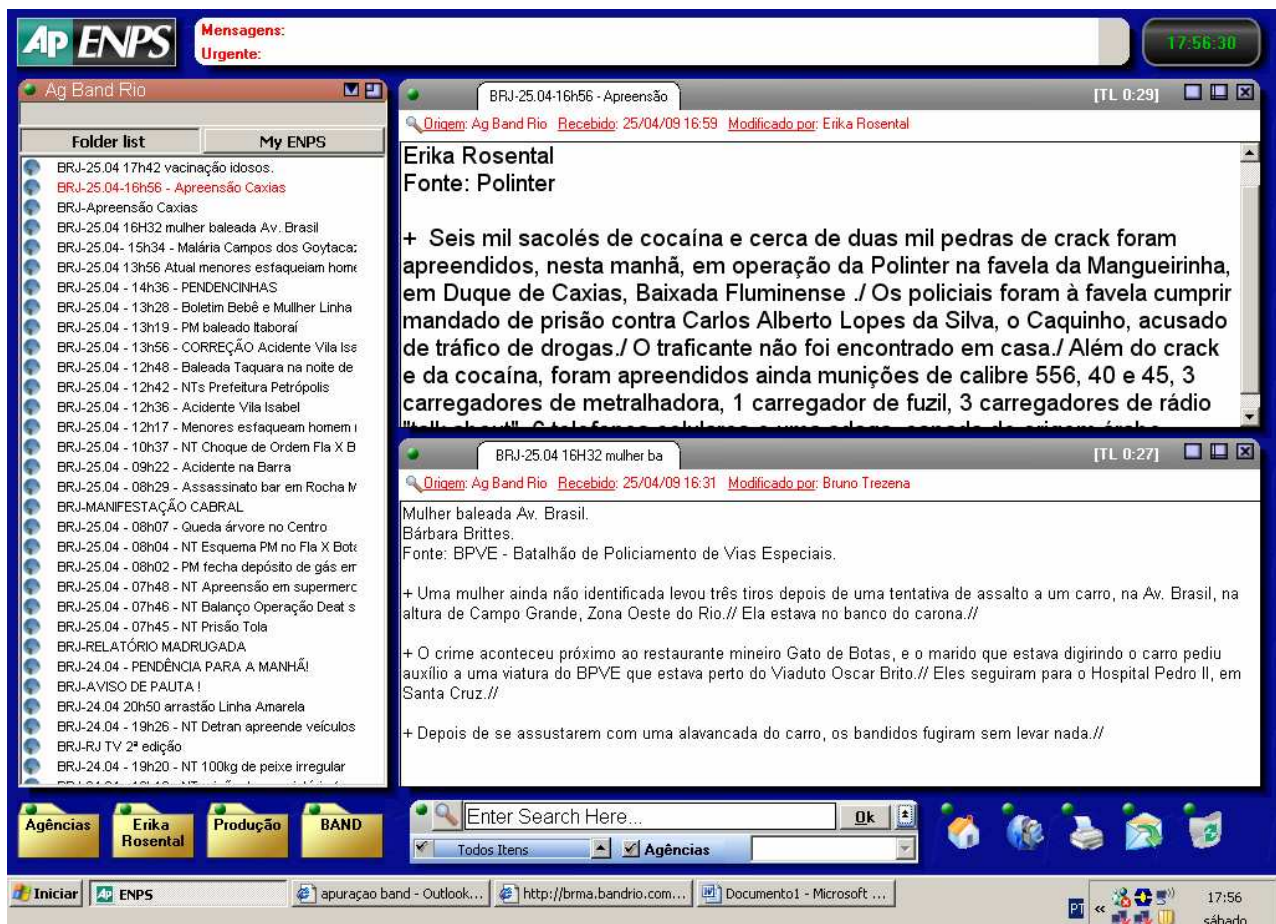
RELATORIO DE PAUTA

Segunda-Feira 20/04/09 Mariana de folga

Hora	Equipe	Matéria	Loc	JB	PJ	Produção
07h	Lorena/ João S.	Alerta Adoçante	OK			Aline
		Fecha Tratamento Grátis	OK			Aline
07h	Alexandre/ Dil	Lixo	x			Alexandre
		Factual				
08h	Sérgio/Colonesi/ Edeilton	Redução Estômago	X			Dany
10h	Fábio/ Santiago	Denúncia Metrô	X			Virgínia
		Burg				
11h	Fernando/Dácio	Comportamento feriado	X			Bruno
		Cidade Cercada	OK			Erika
13h	Muda/ Denis	Factual				
13h	Flávia/ Leonardo	Factual				
22h	Moabe/Mário					

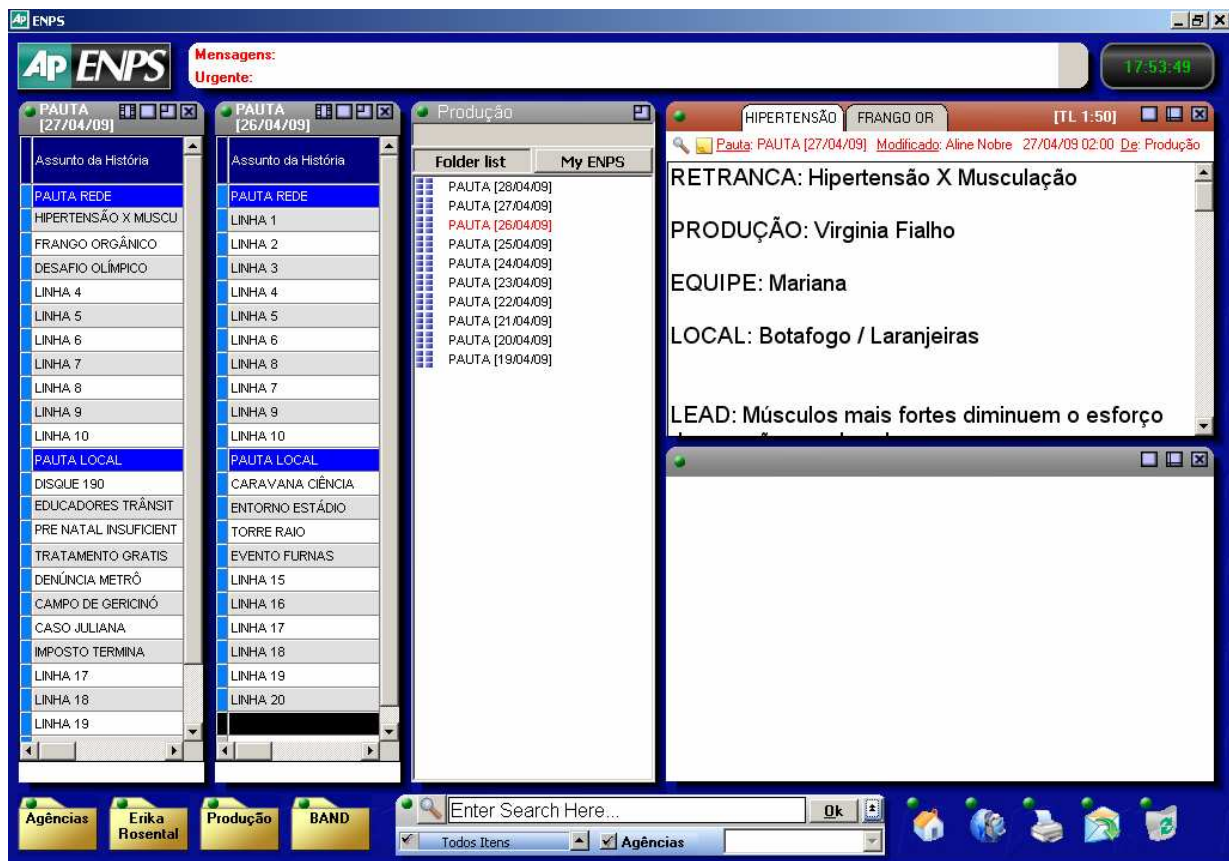
Quadro do dia 20 de junho de 2009 do Relatório de Pauta da produção TV Bandeirantes Rio. Exemplo de um dia em que algumas matérias caíram e “ficaram para o factual”.

II



Exemplo do sistema usado pela Central de Apuração da TV Bandeirantes. Quando o factual é descoberto, a nota é redigida e depois publicada na agência da Band. Assim, todos tem acesso a notícia. A coluna do lado esquerdo mostra todas as notícias que já foram publicadas no dia.

III



Exemplo do sistema utilizado pela Produção da TV Bandeirantes. Nas colunas da esquerda, os dias da semana e as matérias que serão produzidas em cada dia. Na coluna da direita, um exemplo de pauta. Na pauta distingue-se quem a produziu ou elaborou, e qual será a equipe de reportagem que irá fazer a matéria na rua. O lead sempre vem na frente para que o repórter direcione a matéria da maneira correta.

IV

Matérias, na íntegra, da TV Bandeirantes, O Globo Online, O Dia, G1 e Viva Favela analisadas no capítulo 4 desta monografia.

PROTESTO NO COMPLEXO DA MARÉ **Menino de 17 anos é morto na Baixa do Sapateiro**

O DIA ONLINE

Rapaz de 17 anos é morto com tiro na cabeça no Complexo da Maré **Moradores fecham a Linha Vermelha**

Rio - O adolescente Felipe dos Santos Correa e Lima, de 17 anos, foi morto com um tiro na cabeça durante um tiroteio entre traficantes e policiais do 22º BPM (Maré) no Complexo da Maré, na manhã desta terça-feira. Parentes do adolescente dizem que ele foi atingido na porta de casa e acusam os PMs pela morte do garoto.

Felipe chegou a ser levado para o Hospital Geral de Bonsucesso, na Zona Norte, mas não resistiu aos ferimentos. Moradores tentaram fechar a Linha vermelha para protestar, mas foram impedidos pela polícia.

Segundo a artista plástica Yvonne Bezerra de Mello, que mantém um projeto social na Baixa do Sapateiro, garante que o jovem não tinha envolvimento com o tráfico de drogas e era aluno do projeto social.

Os policiais alegaram que o rapaz era suspeito e com ele teria sido apreendida uma mochila com uma pistola, uma granada, munição, cocaína, maconha e crack.

De acordo com a família, os policiais impediram a mãe de acompanhar o estudante, matriculado na Escola Pública Pedro Lessa, até o hospital. Os PMs teriam ainda obrigado a família a limpar o sangue da calçada. A denúncia foi acolhida pela Comissão de Defesa de Direitos Humanos e Cidadania da Alerj. Em contato com o tenente Souza, do 22º BPM (Maré), a Comissão obteve nesta tarde a confirmação de que ocorreu “uma operação na favela e um elemento foi morto”.

A Comissão solicitou por meio de ofício, informações sobre a operação ao Secretário estadual de Segurança Pública, Mariano Beltrame, e ao comandante do 22º BPM. O presidente da Comissão, deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL), quer o esclarecimento imediato dos motivos da operação, quais os procedimentos e os resultados obtidos.

“Vivemos uma política de extermínio de jovens pobres, moradores de favelas. É preciso apurar muito bem as circunstâncias em que morreu Felipe, e a Comissão tem esse papel”, afirmou Freixo.

Manifestação

Motoristas devem evitar a Linha Vermelha na tarde desta terça-feira. Moradores do Complexo da Maré realizaram manifestação na via e causou um grande engarrafamento, no sentido Centro, na altura da Favela da Maré. De acordo com a CET-Rio a melhor opção é seguir pela Avenida Brasil e evitar a área.

A polícia reforçou o patrulhamento nas saídas da Favela Baixa do Sapateiro, na Avenida Brasil e na Linha Vermelha, para evitar novas manifestações.

Com informações do repórter Marcelo Bastos

G1 PORTAL DE NOTÍCIAS (1ª matéria)

Protesto e tiros na Linha Vermelha assustam motoristas

Segundo testemunhas, houve troca de tiros em favela; polícia nega. Motoristas voltaram na contramão e deram à ré.

Do G1, no Rio, com informações da TV Globo



Segundo testemunhas, houve troca de tiros em favela; polícia nega

(Foto: Reprodução TV Globo)

Motoristas assustados voltaram na contramão da Linha Vermelha, na altura da Maré, no subúrbio do Rio, na tarde desta terça-feira (14). Segundo a Polícia Militar, há um protesto na via, que está causando congestionamentos.

Segundo testemunhas há também troca de tiros dentro de uma das favelas na área, mas a polícia nega a informação. Segundo manifestantes, o protesto é pela morte de um jovem durante uma ação da polícia.

G1 PORTAL DE NOTÍCIAS (2ª matéria)

14/04/09 - 15h12 - Atualizado em 14/04/09 - 16h47

Polícia usa bomba de efeito moral em protesto na Linha Vermelha

**Segundo a PM, houve duas tentativas de fechamento da via.
Manifestantes dizem que inocente morreu durante operação; PM nega.**

Do G1, no Rio, com informações da TV Globo



Segundo testemunhas, houve troca de tiros em favela; polícia nega

(Foto: Reprodução TV Globo)

Durante o protesto feito por moradores da Favela Baixa do Sapateiro, na Maré, no subúrbio do Rio, na Linha Vermelha, a polícia usou bombas de efeito moral para conter duas tentativas de fechamento da via. A informação foi passada pelo comandante do 22º BPM (Maré), coronel Rogério Seixas.

Segundo o major Heitor Henrique Rosa, responsável pelo patrulhamento, a PM foi recebida a paus e pedras, mas conseguiu controlar a situação. Rosa informou também que o grupo que fazia o protesto era composto de 50 a cem menores de idade.

Morte de jovem pela manhã

Segundo os manifestantes, um jovem inocente teria sido morto durante uma operação do 22º BPM na favela, na parte da manhã. Mas, segundo o coronel Seixas, com ele foi encontrada uma mochila com cocaína, crack, maconha, munição e uma pistola.

Segundo testemunhas, na mesma hora houve disparos dentro da favela, o que assustou ainda mais os motoristas que passavam pela via. Não há informação de feridos durante o segundo tiroteio.

Seixas informou que a polícia fez operação na parte da manhã para checar informações do Disque-Denúncia.

TV GLOBO - RJTV 2ª EDIÇÃO

Protesto fecha Linha Vermelha; PM afirma que matou traficante

Moradores do Conjunto de Favelas da Maré fecharam a Linha Vermelha, na tarde desta terça-feira, em protesto contra a morte de um rapaz de 17 anos.

Segundo os manifestantes, Felipe Corrêa de Lima levou um tiro na cabeça durante uma operação policial na Baixa do Sapateiro. Os moradores fecharam a Linha Vermelha por cerca de dez minutos. O trânsito foi logo liberado pela Polícia Militar, mas houve engarrafamento na via expressa, no sentido Zona Sul.

A Polícia Militar afirma que o jovem morto era traficante e que, com ele, foram apreendidos uma pistola, munição e drogas.

PORTAL RJTV

- » Bom Dia Rio
- » Radar RJ
- » RJTV 1ª Edição
- » RJTV 2ª Edição
- » Globo Comunidade
- » Colunas
- » Séries de reportagens
- » RJ Comunidade
- » RJ Móvel
- » VC no RJTV
- » Baixada Fluminense
- » Serviço
- » Debate
- » Enquete
- » A Redação
- » Fale Conosco
- » Newsletter
- » RSS
- » Vídeos Bom Dia Rio
- » Vídeos RJTV 1ª Edição
- » Vídeos RJTV 2ª Edição
- » Vídeos Globo
- » Comunidade

RJTV 2ª Edição

versão para impressão enviar por e-mail receber newsletter aumentar o tamanho da fonte

Home > RJTV 2ª Edição > 14/04/2009 > Reportagem

Protesto fecha Linha Vermelha; PM afirma que matou traficante

Moradores do Conjunto de Favelas da Maré fecharam a Linha Vermelha, na tarde desta terça-feira, em protesto contra a morte de um rapaz de 17 anos.



Segundo os manifestantes, Felipe Corrêa de Lima levou um tiro na cabeça durante uma operação policial na Baixa do Sapateiro. Os moradores fecharam a Linha Vermelha por cerca de dez minutos. O trânsito foi logo liberado pela Polícia Militar, mas houve engarrafamento na via expressa, no sentido Zona Sul.

A Polícia Militar afirma que o jovem morto era traficante e que, com ele, foram apreendidos uma pistola, munição e drogas.

★★★★★ « dê sua nota

Ainda nesta edição

Envie se Festa Ju

Mande vídeo quadrilhas caipiras e você também recebe receitas e curtir o ano

Participe:

PLANTÃO

21h20m
Decretada preventiva suspensa e engenheiro

20h21m
Justiça Ele mandado d Carminha

19h33m
Dois suspe

TEXTO DA TV BANDEIRANTES UTILIZADO NO JORNAL DO RIO

(Tecer: Morte de menino de oito anos durante ação da polícia revolta moradores no complexo da Maré. Testemunhas dizem que Pms atiraram)

(Cabeça lida pelo âncora do jornal: Menino de oito anos morre baleado em favela na zona norte do Rio. Moradores acusam Pms, mas polícia diz que garoto foi vítima de bala perdida durante um confronto entre quadrilhas rivais)

=====

(Off 1) A morte de Mateus Rodrigues dos Santos revoltou moradores da Baixa do Sapateiro, no complexo da Maré.

(sobe som justiça)

(PASSAGEM - Maré) Mateus abria a porta de casa para ir à padaria quando foi atingido. Testemunhas contam que apenas um único disparo foi ouvido no momento.

(Off 2) Menino de oito anos fazia aula de teatro e sonhava em ser jogador de futebol, mas teve a vida interrompida bruscamente por um tiro no rosto, às sete e quarenta da manhã. Moradores afirmam que, minutos antes, bandidos passaram pela rua, mas já NÃO estavam MAIS no local na hora do disparo, que teria partido de um dos peêmes. O corpo ficou quatro horas na porta de casa, à espera da perícia. Policiais que isolavam a área foram hostilizados.

(sobe som assassinos)

(Off 3) A polícia MILITAR contesta a versão e diz que Tiago foi vítima de tiroteio entre traficantes rivais.

(sonora PM - fala que a polícia não disparou)

(Off 4) Mas o delegado que investiga o caso diz que não houve troca de tiros no local. Quatro pistolas e quatro fuzis de Pms do batalhão da área foram apreendidos.

(Off arquivo) A tia do garoto comparou a morte de Mateus à do menino João Roberto, de três anos. Em julho, policiais metralharam o carro em que o garoto estava, pensando que atiravam em bandidos.

(sobe som tia - é a que está muito exaltada)

(Off 5) A avó do menino passou mal e teve que ser socorrida por bombeiros./
A mãe estava revoltada./

(sonora da mãe)

(Off 6) Uma ONG que faz trabalhos sociais na favela vai prestar assistência jurídica à família

(sonora Ivone - diretora Projeto Uerê)

Este morador diz que ia para o trabalho no momento do crime e presenciou toda a ação.

(sonora morador não identificado - diz que policial saiu chorando e dizendo que tinha atirado numa criança. E que não havia bandidos na hora)

No fim da manhã, dezenas de moradores foram em direção à Linha Vermelha dizendo que fechariam a via expressa. Logo depois, homens armados bloquearam a Linha Amarela e colocaram fogo em um carro. A pista no sentido Barra ficou interditada durante trinta e oito minutos.

PORTAL VIVA FAVELA

Morte na Maré

por: Walter Mesquita

15/04/2009

Felipe dos Santos Correia de Lima, 17 anos, foi morto ontem (14 de abril de 2009), por volta das 11 horas, próximo à sua casa, na Rua do Serviço, Baixa do Sapateiro (no conjunto de favelas da Maré). De acordo com relatos de moradores e vizinhos, policiais entraram na favela atirando. Felipe conversava com amigos próximo a sua casa e foi atingido por uma bala na cabeça. Segundo os moradores, o corpo do jovem foi retirado do local por policiais do 22º Batalhão e levado numa Blazer branca, placa KNY 8301. Parentes de Felipe e moradores da Maré fizeram protesto na Linha Vermelha, na altura da Vila Olímpica, na Baixa do Sapateiro, fechando uma das pistas.

No confronto, moradores atiraram pedras e policiais revidaram com balas de borracha e gás lacrimogêneo. Com fuzis em punho, os policiais atravessaram a Vila Olímpica da Maré (principal pólo esportivo da região que atende a cerca de 8.000 pessoas) em direção à comunidade Baixa do Sapateiro.

Felipe era estudante da Escola Bahia, na Baixa do Sapateiro, Maré, trabalhava com o tio numa loja de consertos de eletrodomésticos e tinha acabado de se alistar no Exército.

Fotos: Naldinho Lourenço/Imagens do Povo

